

Denise Ouriques Medeiros

**ATLAS SUBJETIVO E COLABORATIVO  
DA REGIÃO CENTRAL DO BAIRRO  
LAGOA DA CONCEIÇÃO EM FLORIANÓPOLIS, SC**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção de Grau de Mestre em Design na linha de pesquisa Gestão Estratégica do Design

Orientador:

Prof. Richard Perassi Luiz de Sousa

Florianópolis, SC

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pela autora através do  
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Medeiros, Denise Ouriques

ATLAS SUBJETIVO E COLABORATIVO DA REGIÃO CENTRAL DO  
BAIRRO LAGOA DA CONCEIÇÃO EM FLORIANÓPOLIS, SC / Denise  
Ouriques Medeiros ; orientador, Richard Perassi Luiz de  
Sousa - Florianópolis, SC, 2016.

104 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós  
Graduação em Design.

Inclui referências

1. Design. 2. Gestão comunitária. 3. Psicogeografia. 4.  
Design emocional. 5. Mapeamento. I. Perassi Luiz de Sousa,  
Richard. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Design. III. Título.

Denise Ouriques Medeiros

**ATLAS SUBJETIVO E COLABORATIVO  
DA REGIÃO CENTRAL DO BAIRRO  
LAGOA DA CONCEIÇÃO EM FLORIANÓPOLIS, SC**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de “mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Design.

Florianópolis, 09 de março de 2016.

---

Prof. Milton Luiz Horn Vieira, Dr.  
Coordenador do Curso

---

Prof. Richard Perassi Luiz de Sousa, Dr.  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Marília Matos Gonçalves, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina



Para tia Carminha



## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à família. Aos meus pais, Celita Ouriques Medeiros e Francisco Lidio Medeiros, pela força e carinho. Aos meus irmãos, cunhados, sobrinhos e, mais especialmente, à Carmen Vieira Ouriques, a tia Carminha, sempre cuidando de todos.

Ao Hamilton Alexandre (*in memoriam*), o Mosquito, que com sua ‘ira santa’ e sua ‘saúde civil’, através das suas *tijoladas*, inspirou, em meio a loucuras e devaneios, o sonho de um mundo mais justo e uma cidade mais humana e desenvolvida.

Ao professor Richard Perassi Luiz de Sousa, com grande admiração e carinho, por compartilhar seus conhecimentos, durante todo o período que foi meu orientador, e pela paciência e confiança dedicadas a mim e aos colegas de curso. Foi um grande privilégio e aprendizado de vida ser sua orientanda.

Aos colegas do grupo Sigmo - Núcleo Significação da Marca, Informação e Comunicação Organizacional, pela rica troca de ideias e experiências.

Ao professor Douglas Menegazzi pelo acolhimento e atenção no acompanhamento de suas aulas durante o estágio de docência.

A todos os professores do curso de Pós-Graduação em Design, ao ex-coordenador Eugenio Andres Diaz Merino, à Fernanda Delatorre e Daniel Rodrigues Schimmel – antiga e atual funcionários da secretaria –, e demais servidores e prestadores de serviço da UFSC pela atenção e gentileza no atendimento aos alunos.

Aos moradores da região da Lagoa da Conceição e colaboradores da pesquisa (Zeca Pires, Celita Spinosa), pelo acolhimento e pelas conversas – algumas regadas a café, chá, bolo e até tainha escalada.

À alegre presença dos amigos Andrea Luiz e Marcos Sardá Vieira em algumas saídas fotográficas e, mais especialmente, ao Marcos, pelas intermináveis conversas inspiradoras e reflexivas. Ao cunhado Rogério João Laureano pelo apoio e opiniões na fase de qualificação. À irmã Carmen Lucia Medeiros Laureano pelo uso da máquina fotográfica.

Aos queridos professores do Centro de Comunicação e Expressão, Clóvis Geyer e Rita Paulino, colegas de trabalho de há muitos anos, pelo incentivo para o início desta empreitada.

À instituição Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - pela bolsa de estudos que me permitiu dedicação em parte do tempo do curso de mestrado.



“A verdadeira viagem de descobrimento  
não consiste em procurar novas paisagens,  
e sim em ter novos olhos”.

(Marcel Proust)

“Um menino de três anos, chamado Luca,  
comentou um dia desses: ‘o mundo não sabe  
onde está sua casa’. Ele estava olhando o  
mapa. Não estava olhando o noticiário.”

“Tenho saudades de um país que ainda não  
existe no mapa.”

“A memória guardará o que valer a pena. A  
memória sabe de mim mais que eu; e ela não  
perde o que merece ser salvo”.

(Eduardo Galeano)



## RESUMO

Em formato de dissertação de mestrado, este trabalho configura e apresenta um atlas subjetivo construído de modo colaborativo com a comunidade da região em torno da Lagoa da Conceição, Florianópolis, SC, mais especificamente, com “personagens” constituídos em conversas com alguns moradores. O contexto dos estudos envolveu aspectos de Psicogeografia, representação incomum, impressões visuais e percepção espacial. O termo atlas subjetivo foi cunhado mais recentemente pela designer holandesa contemporânea Annelys de Vet, que trabalha com a representação de identidades culturais e com a preocupação com o papel público do designer gráfico. O atlas subjetivo é um documento poético, que reúne e representa as impressões visuais dos envolvidos. Portanto, os critérios de seleção dos elementos mapeados por parte dos sujeitos colaboradores e da autora são, predominantemente, subjetivos e intersubjetivos, apesar de se tratar de um determinado espaço do território e suas características. Comumente, um atlas propõe mapas compostos por objetos de representação incomum, que ilustram diferentes percepções de uma mesma e suposta realidade objetiva. Enfim, trata-se de um produto mais poético e inspirador do que lógico e informativo. Propõem-se parâmetros mais democráticos de interpretação dos espaços geográficos e psíquicos, caracterizando e justificando as expressões “Cartografia Emocional” e “Psicogeografia”, que é a ideia original na concepção de atlas subjetivos. Contudo, como se trata de uma dissertação de mestrado, o processo de pesquisa para a construção intersubjetiva do atlas local também é descrito neste relatório. Por isso, há estudos teóricos e, também, parte dos diálogos ou recortes e colagens de imagens, que compõem o atlas subjetivo, são apresentados como citações na descrição do processo de pesquisa. Enfim, ainda são apresentadas as imagens, que compõem o conjunto visual e sintético de toda experiência.

### **Palavras-chave:**

Gestão Comunitária. Psicogeografia. Design Emocional. Mapeamento.



## ABSTRACT

In dissertation format, this work sets presents a subjective atlas built collaboratively with the community in the area around the Lagoa da Conceição, Florianópolis, SC, more specifically, with “characters” made in conversations with some locals. The context of the studies involved aspects of psychogeography, unusual representation, visual impressions and spatial perception. Subjective Atlas term was coined recently by contemporary dutch designer Annelys de Vet, who works with the representation of cultural identities and the concern about the public role of the graphic designer. Subjective Atlas is a poetic document that brings together and represents the visual impressions of those involved. Therefore, the selection criteria of the elements mapped by individuals and employees are author predominantly subjective and inter-subjective, although it is a particular area of the territory and its features. Commonly, an atlas proposes maps composed of unusual representation of objects that illustrate different perceptions of the same and supposedly objective reality. Anyway, it is a more poetic and inspiring than logical and informative product. Propose to more democratic parameters of interpretation of geographical and psychic spaces, characterizing and explaining the terms “Emotional Cartography” and “psychogeography”, which is the original idea in the design of subjective atlas. However, since this is a dissertation, the process to search for inter-subjective site atlas is also described in this report. So there are theoretical studies and also of the dialogue or cutouts and collages of images that make up the subjective atlas, they are presented as quotes in the description of the research process. Anyway, the images that make up the visual and condensed set of all experience are also presented.

### **Keywords:**

Community Management. Psychogeography. Emotional Design. Mapping.



## LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Atlas Subjetivo sobre consumo e cerveja na União Europeia.....	28
Fig. 2: Mapa Naked City .....	30
Fig. 3: Elementos objetivos da matriz .....	37
Fig. 4: Poesia visual .....	48
Fig. 5: Imagens da interface do aplicativo <i>Psychogeography Tool</i> .....	54
Fig. 6: Naked City 1 e 2 .....	55
Fig. 7: EntangledWe.....	55
Fig. 8: Guia psicogeográfico dos estudantes de OWU .....	56
Fig. 9: Imagens divulgação. Exposição <i>A Tale of Many Cities</i> .....	57
Fig. 10: Descartografia, coletivo 'E/Ou' .....	58
Fig. 11: Mapa comunitário, produto do workshop em Valparaíso .....	59
Fig. 12: Mapa de Copenhague.....	60
Fig. 13: Mapas do trajeto de vendedores ambulantes em BH .....	61
Fig. 14: Recorte da cartografia crítica do Estreito de Gibraltar.....	62
Fig. 15 A e B: Ilustrações satíricas da Primeira Guerra Mundial.....	63
Fig. 16: Representação dos principais elementos referenciais urbanos.....	64
Fig. 17: Infográfico, Minard (1861) .....	64
Fig. 18: Delimitação da área pesquisada: Bacia da Lagoa da Conceição .....	66
Fig. 19: Vista parcial da região Lagoa da Conceição .....	74
Fig. 20: Imagens do universo do cineasta .....	77
Fig. 21: Imagens do universo da artesã .....	80
Fig. 22: Imagens do universo do pescador antropólogo.....	82
Fig. 23: Imagens do universo do ambientalista .....	84
Fig. 24: Imagens do universo das rendeiras .....	86
Fig. 25: Imagens do universo dos comerciários .....	88
Fig. 26: Imagens do universo do artista .....	90
Fig. 27: Mapa subjetivo da região da Lagoa da Conceição.....	93
Fig. 28: Mapa subjetivo da região da Lagoa da Conceição.....	93
Fig. 29: Mapa subjetivo da região da Lagoa da Conceição.....	94
Fig. 30: Mapa subjetivo da região da Lagoa da Conceição.....	94
Fig. 31: Atlas subjetivo da região da Lagoa da Conceição .....	95



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Sentidos em geral e elementos subjetivos .....	38
Quadro 2: Três categorias e 12 sentidos: percepção e consciência .....	39
Quadro 3: Categorias de representação do pensamento .....	46



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	21
1.2 OBJETIVOS.....	23
1.2.1 <i>Objetivo geral da pesquisa</i> .....	23
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i> .....	23
1.3 MATERIAIS E MÉTODOS .....	23
1.3.1 <i>Escopo fenomenológico</i> .....	25
1.3.2 <i>Significados e sujeitos da pesquisa</i> .....	26
<b>2 PRODUÇÃO, PERCEPÇÃO E FUNÇÃO DE MAPAS E ATLAS....</b>	<b>27</b>
2.1 IMAGEM E PERCEPÇÃO.....	34
2.1.1 <i>Elementos objetivos</i> .....	36
2.1.2 <i>Elementos subjetivos</i> .....	38
2.2 CARTOGRAFIA ALTERNATIVA - NÃO HEGEMÔNICA .....	39
2.3 IMAGENS DO MUNDO E DO IMAGINÁRIO .....	43
2.4 DA CARTOGRAFIA COGNITIVA À POESIA VISUAL.....	45
2.5 TRANSTERRITÓRIOS E OUTRAS CARTOGRAFIAS.....	51
<b>3 O TERRITÓRIO DA LAGOA DA CONCEIÇÃO.....</b>	<b>66</b>
3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS .....	67
3.2 A REGIÃO DA LAGOA COMO LUGAR E TERRITÓRIO .....	69
<b>4 ATLAS SUBJETIVO: VIVÊNCIAS, PESSOAS E IMAGENS.....</b>	<b>75</b>
4.1 O CINEASTA.....	76
4.2 A ARTESÃ.....	78
4.3 O PESCADOR ANTROPÓLOGO .....	80
4.4 O AMBIENTALISTA .....	83
4.5 AS RENDEIRAS.....	85
4.6 OS COMERCIÁRIOS .....	86
4.7 O ARTISTA.....	88
<b>5 CONCLUINDO COM MAPAS DO ATLAS VISUAL.....</b>	<b>91</b>
<b>6 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>97</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Além da atuação historicamente situada da tradicional área de Desenho Industrial, a ampla adoção sociocultural do termo Design representa e propõe, entre outras possibilidades, que os continuadores dos antigos desenhistas, que são os atuais designers, atuem diretamente no meio comunitário. Assim, com sua vocação e conhecimentos sobre planejamento, representação e gestão de produtos e processos, os designers podem contribuir no desenvolvimento de ações sociais de diferentes naturezas, incluindo uma representação da visão poética de uma comunidade sobre sua identidade pessoal e social, que é expressa nas marcas do lugar onde vive e convive.

O processo de pesquisa para o levantamento de dados, a construção e a apresentação de um atlas subjetivo e colaborativo é aqui proposto em formato de dissertação de mestrado da linha de Gestão Estratégica do Design do Programa de Pós-Graduação em Design (Pós-Design/UFSC), com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A percepção de atlas como conjunto de mapas que atuam como marca ou conjunto de marcas de lugar, também, justifica a realização da pesquisa no contexto dos trabalhos desenvolvidos no grupo de pesquisa Significação da Marca, Informação e Comunicação Organizacional (SIGMO/UFSC/CNPQ).

### 1.1 JUSTIFICATIVA

As cidades são os espaços de vida das pessoas. Ali, elas se reconhecem e desenvolvem suas atividades. A partir do relevo e de outras características geográficas, ocorre a estruturação e a formatação do espaço urbano que, também, vai configurar boa parte das relações humanas. A disponibilidade e a tipologia do lugar geográfico vão tornar viável e talvez até aprazível ou impossível a permanência e a convivência das pessoas constituindo o lugar humanizado, afetivo e simbólico.

O lugar humanizado é decorrente da dinâmica e do encontro das pessoas, considerando-se suas vivências e ações no cotidiano da vida – habitação, trabalho, lazer e circulação, entre outras. As cidades também são afetadas por sérios problemas estruturais, como a falta de

saneamento ou um sistema precário de transportes e comunicação. Mas, apesar disso, nos espaços urbanos acontece o grande jogo da vida.

Em diversos aspectos, o ambiente influencia o comportamento: a incidência de luz solar em determinadas épocas do ano, por exemplo, vai fazer com que as pessoas fiquem mais ou menos dispostas. Além disso, os aspectos intersubjetivos também podem interferir, de maneira afetiva e simbólica, na convivência e na aparência do lugar, caracterizando o ritmo de fachadas e a morfologia de muros, grades, pichações e sujeira ou a abertura para jardins, os espaços de calçadas, a disposição de equipamentos públicos, como um amplo conjunto de possibilidades.

A maneira como as pessoas vivem e percebem o ambiente urbano, em meio ao cenário natural, constitui uma carga peculiar de história e cultura. No caso específico da região do bairro Lagoa da Conceição, em Florianópolis, SC, há uma diversidade de aspectos peculiares a serem percebidos como pistas para a compreensão do modo de ser e de agir de sua comunidade.

A Lagoa da Conceição foi o local escolhido para esta pesquisa por suas características peculiares em comparação com outros bairros de Florianópolis, porque é considerada como o lugar que congrega a comunidade mais alternativa, que foi sendo reunida e progrediu junto com a população mais tradicional, que é composta por descendente dos primeiros açorianos que ocuparam o lugar a cerca de 200 anos.

Entre os grupos atraídos para a região há uma diversidade de pessoas relacionadas com atividades artísticas e criativas, produzindo artesanato, música e, também, arte Grafite e literatura, entre outras. O lugar ainda congrega e faz interagir pessoas com diferentes condições políticas, sociais e financeiras, sugerindo ser um espaço mais democrático no contexto da cidade.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo geral da pesquisa

O objetivo geral é descrever o processo e a construção de um atlas subjetivo e colaborativo da região em torno da Lagoa da Conceição em Florianópolis, SC, como estímulo e orientação para outros estudos e iniciativas sobre o tema.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- Propor subsídios para a reflexão teórica sobre conceitos como Cartografia Emocional e Psicogeografia, entre outros;
- Apresentar brevemente o contexto histórico-cultural sobre o ambiente geográfico em estudo;
- Identificar os sujeitos colaboradores de acordo com as circunstâncias do ambiente estudado;
- Selecionar recursos tecnológicos e imagens para a representação icônica das marcas geográfico-culturais de lugar.

## 1.3 MATERIAIS E MÉTODOS

De modo geral, o trabalho realizado caracteriza uma pesquisa descritiva, de base qualitativa, porque o objetivo geral foi descrever o processo de coleta de dados e construção de um atlas subjetivo.

No processo de pesquisa, entretanto, também foram realizados: (1) estudos exploratórios; (2) estudos teóricos e documentais; (3) estudos de campo; (4) estudos técnico-poéticos aplicados:

- Os estudos exploratórios serviram na identificação e seleção das fontes teóricas; dos sujeitos colaboradores da pesquisa, e dos recursos técnico-poéticos;
- Os estudos teóricos e documentais realizados em fontes bibliográficas e outras serviram para contextualizar e embasar conceitualmente o processo de pesquisa e a leitura das informações coletadas e produzidas;
- Os estudos de campo serviram para a observação e o convívio com a comunidade, para seleção dos sujeitos colaboradores, para realização de entrevistas e coleta de elementos icônicos;

- Os estudos técnico-poéticos aplicados serviram na seleção, recorte e composição das imagens para o material icônico dos mapas componentes do atlas subjetivo.

Para Gil (2002), um estudo exploratório e qualitativo visa maior familiaridade com o problema, porque o objetivo principal é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

A organização da pesquisa exploratória é flexível, e proporciona a consideração dos mais variados aspectos relativos à realidade estudada, envolvendo: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas, e análise de informações (GIL, 2002).

A natureza qualitativa é justificada, pois tem o objetivo de conhecer melhor o fenômeno a ser estudado, possibilitando o levantamento de hipóteses, o estudo qualitativo é o mais utilizado nas ciências sociais e busca descrever e compreender o fenômeno estudado a partir do contexto em que este se manifesta. O estudo qualitativo tem como fonte de pesquisa valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e dispõe a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos ou grupos.

O principal delineamento para o desenvolvimento desta pesquisa é o estudo de campo, mostrando ser o mais adequado, para a compreensão da problemática proposta pela pesquisa, com base em observação assistemática e entrevistas, havendo observações, gravações de áudio e, especialmente, o registro fotográfico, visando o conhecimento possível sobre a comunidade.

A entrevista é um instrumento apropriado para este tipo de pesquisa, porque busca estudar um fenômeno social (MARCONI, LAKATOS, 2003). Em um processo de entrevistas, podem-se combinar questões já estruturadas ou abertas de maneira mais formal ou informal (MINAYO, 1994). Assim, a partir de alguns pontos de interesse já previstos, procurou-se predominantemente conversar, deixando o entrevistado livre para propor pensamentos, opiniões e sentimentos.

Os principais sujeitos colaboradores da pesquisa foram os moradores, nascidos ou posteriormente radicados na cultura comunitária da localidade Lagoa da Conceição. Porém, os estudos exploratórios possibilitaram também conversas informais, observações gerais, além das entrevistas dos colaboradores diretos.

### 1.3.1 Escopo fenomenológico

O escopo fenomenológico foi adotado para possibilitar um estudo que não trata diretamente dos fatos ou dos indícios positivos da realidade. Pois o foco de interesse deste estudo recai sobre impressões, intuições e afetos, que configuram as percepções subjetivas e as relações intersubjetivas dos sujeitos situados na comunidade e, também, dos sujeitos diretamente envolvidos na pesquisa, sejam os colaboradores ou a própria pesquisadora.

O propósito é representar de maneira significativa o fenômeno humano em estudo, sob a visão também subjetiva da pesquisadora. Em primeiro plano está o interesse poético que privilegia o modo como o fenômeno é vivenciado e representado pela pesquisadora. Tal interesse é distante dos objetivos que, em outras circunstâncias, poderiam justificar a adoção de métodos quantitativos ou a verificação de hipóteses. Entretanto, também há o interesse em estar sensível e se deixar influenciar, intersubjetivamente, pelas diferentes maneiras que a vida comunitária em um determinado local é vivenciada pelo grupo social, de maneira objetiva e subjetiva. Por isso, são necessários o convívio interativo, as informações e a troca de impressões com a comunidade e, especialmente, com os sujeitos colaboradores da pesquisa.

O escopo fenomenológico requer atenção aos princípios descritos por Edmund Husserl (1859-1938). Assim: (1) deve-se adotar uma atitude fenomenológica; (2) ouvir os relatos e ler as anotações, para adquirir um sentido do todo; (3) identificar e estudar as unidades de significado, discernindo o que essas revelam sobre o fenômeno; (4) fazer interagir reflexões e *insights*, para propor uma síntese coerente sobre a experiência (GIORGI, 2008).

Informações verbais, observações diretas do ambiente, registros de imagens e expressões pessoais, como variações na intensidade da fala, atitudes corporais ou expressões faciais são igualmente relevantes e podem ser percebidas como unidades de significado. A identificação das unidades de significado depende da percepção do pesquisador e a possibilidade de generalização ocorre na repetição de sinais similares ou complementares que sugere uma realidade socialmente compartilhada (GIORGI, 2008).

### **1.3.2 Significados e sujeitos da pesquisa**

As unidades de significado, portanto, não foram propostas antecipadamente, porque deveriam ser observadas e selecionadas no processo de pesquisa. Com o cuidado necessário, foi possível considerar de maneira coerente o que é estritamente pessoal e o que contribuiu para uma visão compartilhada da realidade socialmente constituída. Não houve interesse em excluir a individualidade, mesmo porque essa é a instância subjetiva. Todavia, o mais relevante foram os produtos da interação objetiva e intersubjetiva dos colaboradores, como elementos constituintes da imagem social da comunidade.

As entrevistas com os nove sujeitos colaboradores foram desenvolvidas como conversas e, portanto, não foram rigorosamente estruturadas. Assim, os entrevistados manifestaram livremente suas impressões sobre os temas previstos e sobre outros, que surgiram de maneira espontânea.

Considerou-se que a identidade cível de cada colaborador não era relevante neste estudo, inclusive, porque as palavras proferidas relataram uma realidade aceita como subjetiva, podendo inclusive ser fantasiosa, tendenciosa, com base nos recursos próprios do imaginário pessoal e coletivo. Portanto, o conteúdo das entrevistas é apresentado como relato de personagens comunitários e não necessariamente de pessoas.

## 2 PRODUÇÃO, PERCEPÇÃO E FUNÇÃO DE MAPAS E ATLAS

Para alguns autores, fazer mapas é aptidão inata da humanidade. “Qualquer pessoa que não saiba ler, mas a quem se pergunta qual o melhor caminho para ir a algum lugar, é capaz de fazer um esboço, mostrando o caminho a seguir, os fatos importantes que existam ao longo do percurso e os principais obstáculos” (FERREIRA; SIMÕES, 1994, p. 30).

Para Claval (2007, p. 219), “o ambiente só tem existência social através da maneira como os grupos humanos o concebem, analisam e percebem suas possibilidades e através das técnicas que permitam explorá-lo”. Considera-se, aqui, que a criação de mapas subjetivos também faz parte dessas atividades técnico-poéticas. E isso é tão remoto quanto a própria escrita, como assinala. Medeiros (2010, p. 54):

A interpretação acerca dos territórios ou domínios do ser humano sempre esteve presente em desenhos gravados em pedra, argila, pele de animais e outras estruturas. A apreensão do espaço e a elaboração de estruturas abstratas para representá-lo têm sido marca da vida em sociedade.

O termo atlas subjetivo foi cunhado mais recentemente pela designer holandesa contemporânea Annelys de Vet, cuja atividade extrapola o papel do design em relação aos discursos públicos e políticos, trabalhando com a representação de identidades culturais e nacionais.

O conceito de atlas subjetivo desenrola-se a partir da preocupação com o papel público do designer gráfico. Se um atlas é um conjunto de mapas, cartas ou estampas, o termo subjetivo assinala aquilo que é próprio e primeiramente está no indivíduo, porque nasceu e reside em seu espírito, que manifesta as ideias ou preferências da própria pessoa.

O atlas subjetivo, portanto, é um registro que, de modo livre, vai reunir as impressões visuais do indivíduo sobre determinado espaço de diferentes territórios e suas características, geralmente, são coletados ou concebidos objetos de representação incomum, que expressam ou ilustram diversas concepções de realidade.

Apesar de existirem registros de exemplos muito antigos, trata-se de uma ideia recente que, inclusive, permitiu o reconhecimento de

manifestações do passado como mapas ou atlas subjetivos. Portanto, ainda carece de maiores estudos e bibliografia.

Alguns mapas e atlas subjetivos podem ser diretamente relacionados ao território geográfico e suas representações convencionais. Mas outros podem reunir dados de diversas naturezas, registrando também roteiros puramente artísticos e imaginários, como partes do mapeamento psíquico.

Por exemplo, em formato de cartaz com fundo amarelo, Vet (2004) organizou, em sequência, manchas que seguem os contornos dos países componentes da União Europeia. Essas manchas são decorrentes de recortes das imagens de rótulos de embalagens de cerveja. Sob cada mancha que, portanto, representa um rótulo e um país, aparecem os números correspondentes à a média da quantidade de litros de cerveja que é consumida por habitante em cada país (Fig.1).

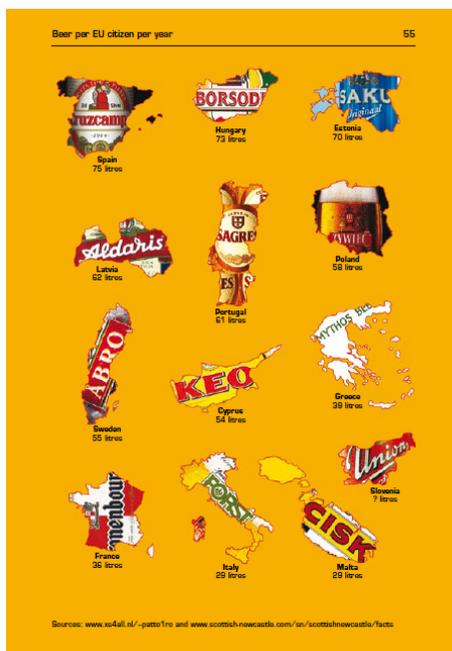


Figura 1: Atlas Subjetivo sobre consumo e cerveja na União Europeia, Vet, 2004.

Fonte: <bureaudevvet.be>

Segundo Vet (2004), o designer deve ser capaz de observar e investigar aspectos da sociedade e da cultura e transformar suas observações em ideias úteis, criativas ou inquietadoras.

Por sua vez, Martinelli (2009, p. 08) ressalta que “a finalidade mais marcante em toda a história dos mapas, desde o seu início teria sido aquela de sempre estarem voltados à prática, principalmente a serviço da dominação, do poder”. A realização de um atlas subjetivo é um ponto que abre a ideia da informação territorial para algo não oficial, estabelecendo parâmetros mais democráticos de interpretação dos espaços.

A existência de um atlas subjetivo pode implicar que também exista um atlas objetivo, mas isso é uma questão que fica em aberto, por enquanto. Os atlas objetivos são impessoais e oficiais em sua realização plástica. Quando uma entidade geográfica ou cultural é mapeada, pode-se discutir se é possível, que para alcançar uma representação imparcial, apolítica e, portanto, objetiva, ela terá que ter o mesmo significado amanhã e hoje. Atlas são feitos por pessoas, e as práticas culturais e preferências pessoais influenciam as suas escolhas. Cada caracterização também é uma distorção mutável, e muitas vezes em desacordo com outras caracterizações. Leão (2004, p. 09) relata que:

A experiência da Psicogeografia, projeto do final dos anos 1950 proposto por pensadores do movimento situacionista, buscava relacionar o slogan ‘todos têm o poder’ – com o objetivo de despertar a revolução a partir da atuação crítica e consciente no cotidiano – à criação de mapas subjetivos. As psicocartografias buscavam resgatar e redescobrir as ligações entre os conteúdos afetivos e os espaços públicos.

Segundo a definição dada pela Internacional Situacionista em sua edição número 01, em junho de 1958, a palavra Psicogeografia conceitua o estudo das leis do meio ambiente geográfico e seus efeitos específicos sobre as emoções e comportamentos individuais ou grupais.

Um exemplo interessante é o mapa psicogeográfico *Naked City* (Fig. 2), que foi produzido por Guy Debord e Asger Jorn (1957), com recortes do mapa de Paris. Para Leirias (2012, p. 123), o mapa é composto por “unidades de ambiência” (lugares), dispostas em posições aleatórias, que não respeitam seu local original. As setas vermelhas conectam os lugares e indicam a organização do espaço afetivo (Fig. 2).

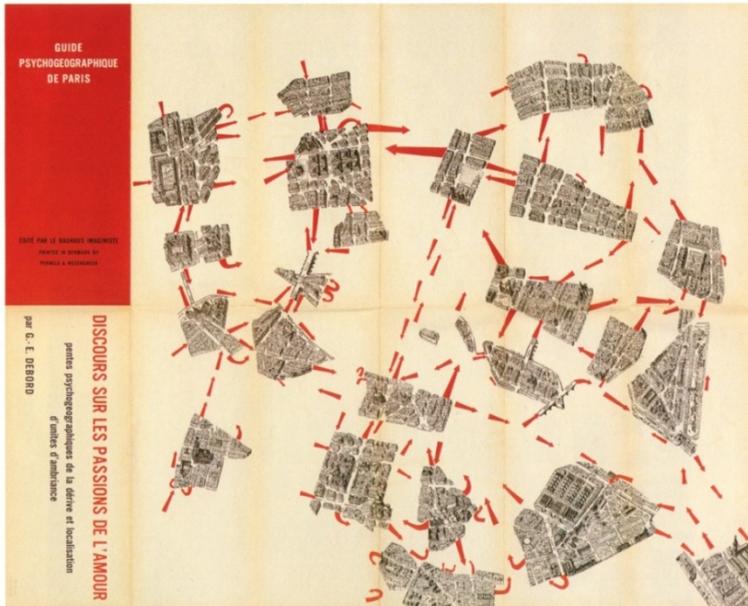


Figura 2: Mapa *Naked City* (DEBORD; JORN, 1957).

Fonte: *Guide Psychogéographique de Paris* <[imaginarymuseum.org](http://imaginarymuseum.org)>

Trata-se de passear livremente pela cidade, essa deriva tem suas origens no nomadismo, como errância voluntária pelas ruas de um lugar. Para Leirias (2012), essa é uma tradição que caracteriza o sujeito como um *dândi* para Baudelaire ou como *flâneur* para Walter Benjamin, justificando ainda a expressão *deambulações* adotada por artistas dadaístas e surrealistas, que questionavam a lógica tradicional do espaço, requerendo inclusive um novo tipo de projeto urbanístico.

Aulete (2013) informa que Psicogeografia foi um tema e uma prática comum em Londres, nos anos 1990, apesar de sua origem remontar aos anos 1950, sendo atribuída ao grupo *avant-garde* francês que, primeiramente, foi denominado *Letristas* e, posteriormente, *Situacionistas*. Trata-se de uma prática geográfica afetiva, cartografia emocional e subjetiva, para cartografar ambiências psíquicas, decorrentes das caminhadas urbanas, o perder-se nas derivas situacionistas.

Essa ação do caminhar foi experimentada durante todo o início do século XX como forma de anti-arte. A partir de 1921, o movimento *Dadaísta* organizou em Paris excursões para visita aos lugares banais da cidade, propondo a rejeição da arte aos ambientes célebres e a reconquista do espaço urbano. Nos anos 1950, as deambulações propostas por dadaístas e surrealistas foram contestadas por líderes e participantes do movimento *Letrista* que, em seu lugar propuseram a teoria da deriva:

Em 1957, Constant projeta um acampamento para os ciganos de Alba, ao passo que Asger Jorn e Guy Debord fornecem as primeiras imagens de uma cidade fundada sobre a *dérive*. A deriva urbana letrista transforma-se em construção de situações experimentando comportamentos lúdico-criativos e ambientes unitários. Constant reelabora a teoria situacionista para desenvolver a ideia de uma cidade nômade – *New Babylon* –, levando o tema do nomadismo ao âmbito da arquitetura e fornecendo as raízes às vanguardas radicais dos anos seguintes, (CARERI, 2003, p. 28-29).

A leitura da cidade atual, do ponto de vista da errância, baseia-se nas transurbâncias conduzidas pelo grupo *Stalker* em algumas cidades europeias, a partir de 1995. “Perdendo-se no meio das amnésias urbanas, o *Stalker* encontrou aqueles espaços que o dadá definira banais e aqueles lugares que os surrealistas definiram como o inconsciente da cidade” (CARERI, 2013, p.30).

Geralmente, a bibliografia de design trata do tema de forma convencional. Por exemplo, Haslam (2010) explica detalhadamente a representação cartográfica do espaço, relacionando diferentes tipos de projeções objetivas. De forma mais subjetiva, relata apenas alguns diagramas, propondo como exemplo os diagramas dos metrôs.

Há também estudos com instruções sobre como organizar informação nova a partir de informações já conhecidas, propondo parâmetros para influenciar na percepção e ensinar através de Design (LIDWELL *et al.*, 2008, p. 16).

Ferreira e Simões (1994, p. 95) falam da geografia do comportamento e da percepção, que se baseia em duas premissas fundamentais: “o homem possui imagens mentais do meio e há possibilidade de medi-las adequadamente; existe uma forte relação entre essa imagem mental do meio e o comportamento no mundo real”. Ora, aí eles dão pistas de que a construção de um atlas subjetivo pode ter uma reação bem prática no cotidiano, influenciando as atitudes e a postura social.

Entre outras possibilidades, o documento gráfico constitui-se de uma seleção arbitrária de pontos de vista pessoais, mas significativos, de elementos que o indivíduo considera importantes na sua cultura. Num olhar mais atento, no entanto, estas observações pessoais podem ser consideradas menos aleatórias do que inicialmente poderia julgar-se.

Cada impressão individual no atlas é urgente em seu próprio direito, pois pretende expor as consequências de mudanças políticas, discretamente, de forma implícita, e não como um objetivo em si mesmo. Detalhes podem vir a conter um grande significado. As conexões incomuns feitas no inventário visual pretendem revelar fatos que normalmente permanecem invisíveis, especialmente os ligados aos fenômenos sociais. O diálogo cultural que surge entre as várias impressões coloca a experiência pessoal em um contexto mais amplo.

O atlas subjetivo pretende ser uma resposta humanista à crescente simplificação do debate político e da complacência do poder, contrastando, muitas vezes, com os meios de comunicação, com o que os livros mostram, e, acima de tudo, com uma realidade complexa que está além das imagens simplistas da mídia convencional.

De acordo com a ideia inicial de Vet (2011), espera-se que essas representações plurais possam contribuir para um discurso público mais democrático. Com a criação do roteiro, pode-se expandir, futuramente, para uma série de atlas, que pode estar disponível gratuitamente, como ferramenta que as pessoas podem usar para continuar a questionar criticamente o aparentemente objetivo.

A ação de criação de mapas subjetivos perpassa pela escolha de impressões que se têm acerca do território. A percepção da natureza dos espaços vai de encontro às experiências pessoais anteriores, e agrega sentido aos lugares: lugares de medo, lugares históricos, lugares sagrados, entre outros. Essas escolhas devem revelar a relação pessoal com a cidade, ou com o espaço geográfico em questão: a Ilha de Santa

Catarina, caracterizando os olhares para espaços de inclusão, exclusão, os que apresentam dificuldades ou facilidades de acesso, os vazios, os ‘invisíveis’, os não-lugares etc.

Sobre a subjetividade dos mapas, Bauman (2011, p. 93) afirma que:

A cidade, como outras cidades, tem muitos habitantes, cada um com um mapa da cidade em sua cabeça. Cada mapa tem seus espaços vazios, ainda que em mapas diferentes eles se localizem em lugares diferentes. Os mapas que orientam os movimentos das várias categorias de habitantes não se superpõem, mas, para que qualquer mapa faça sentido, algumas áreas da cidade devem permanecer sem sentido. Excluir tais lugares permite que o resto brilhe e se encha de significado.

Para Gouveia (2012, p.10), se pensarmos numa ordem de classificação como um mapa potencial da organização das coisas, então na ciência, como na navegação, os mapas precederam os territórios. E continua:

Acreditar que um mapa fotográfico é mais real ou próximo da realidade do que a subjetividade dos mapas e interpretações poéticas e abstratas dos artistas e escritores é o mesmo que acreditar que a terra é plana e representável a duas dimensões, que pode ser iluminada de forma homogênea em toda a sua superfície e que a representação geográfica é a única forma de representação correta. Tal como outros sistemas de representação este nos fornece apenas mais um ponto de vista e está imbuído de convenções, regulamentações e normas.

Todos estes significados são válidos para a cultura ocidental na atualidade, pois, conforme nos lembra Pimenta (1999, p. 68), na Alta Idade Média, por exemplo, eram raras as pessoas que se atreviam a sair a sós pelo campo ou pelas aldeias: “quem não manifestava pertencer a um grupo de amigos era rapidamente considerado criminoso ou louco”.

Ao longo da história, a partir dos descobrimentos científicos e significativas mudanças de paradigmas, desenrolou-se um longo processo. Hoje, com a imensa complexidade que possuem os territórios urbanos, podem-se encontrar referências até a ‘exploradores urbanos’ –

pessoas que saem em busca de novos territórios e experiências dentro da própria cidade onde habitam. Flusser (2007, p. 131) destaca que um mapa pode conter também situações desejadas, futuras, projeções.

Assim como para Hundertwasser, para McLuhan (2005, p. 143), a roupa é uma extensão da pele para guardar e distribuir nosso próprio calor, a habitação é um meio coletivo de atingir o mesmo fim. Como abrigo, a habitação é uma pele ou roupa coletiva. Nesta linha, as cidades são extensões ainda mais amplas dos órgãos corpóreos, visando a atender às necessidades dos grandes grupos. Ele complementa: para a compreensão dos meios e da tecnologia, “é necessário ter em mente que a novidade fascinante de um mecanismo ou de uma extensão de nosso corpo produz uma narcose, ou seja, um entorpecimento, na região recém-prolongada”.

Sevcenko (2001, p. 128) critica a apropriação da cultura pelas elites dominantes, onde “dentro dos museus e centros culturais se cultua um passado sacralizado ou um presente embalado no cristal líquido da novidade. Ao redor, os serviços públicos fenecem, as possibilidades de promoção social se apagam, o espaço urbano se degrada”. Neste sentido, a apropriação do espaço urbano, mesmo que sob a ótica perceptiva na forma de um atlas subjetivo, é o resgate da própria cultura humana.

## 2.1 IMAGEM E PERCEPÇÃO

Atualmente vive-se em uma era de imagens, que são abundantes em todos os setores da vida social. A maior parte da informação nos meios de comunicação de massa é veiculada por imagens.

O ser humano é potencial consumidor de imagens: o olhar, a atenção e o interesse são solicitados constantemente no passar ininterrupto de formas, cores e significados. Essas imagens competem pela captura atenta dos olhares – e não apenas destes: algumas deliberadamente procuram, sobretudo, atrair a atenção. “Em um universo de múltiplas e contínuas possibilidades colocadas ao olhar, as imagens que conseguem prender nosso interesse estabelecem para si um campo de visibilidade privilegiado” (GOMES, 2013, p. 6).

Além de ser instrumento de comunicação entre os seres humanos, a imagem também pode estabelecer a intercessão ou a mediação entre esses e o mundo.

A função informativa (ou referencial), muitas vezes dominante na imagem, pode também amplificar-se numa função epistêmica, concedendo-lhe então a dimensão de instrumento de conhecimento. Instrumento de conhecimento porque fornece, com certeza, informações acerca dos objetos, lugares ou pessoas através de formas visuais tão diferentes como as ilustrações, as fotografias, os desenhos ou ainda os painéis (JOLY, 1994, p. 67).

Percebe-se que a função de conhecimento é primeiramente associada à função estética da imagem, ao proporcionar sensações específicas (*aisthesis*) ao seu espectador. Gombrish (1995, p. 93) assinala que não existe oposição entre o grosseiro mapa *mundi* feito por uma criança e um mapa elaborado com imagens naturalistas: toda arte tem origem na mente humana. As categorias de classificação das impressões sempre podem ser ajustadas às nossas necessidades, conforme propõe Alvarez (2009, p. 82-3).

O conhecimento ou, mais especificamente, o trabalho da pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido. É preciso, então, considerar que o trabalho da cartografia não pode se fazer como sobrevôo conceitual sobre a realidade investigada. Diferentemente, é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam.

Para Maruyama (2001), sem o sentimento de humanidade, entendido também como princípio de identificação à espécie, não há engajamento possível. Pode-se deduzir que a imagem pode ser instrumento de comunicação e de engajamento, especialmente se tiver relações diretas com a percepção ambiental.

Merleau-Ponty (2004, p. 1) afirma que o mundo da percepção, isto é, o mundo que é revelado pelos sentidos e pela experiência de vida, parece ser o que mais é dominado e conhecido, pois não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele. Contudo, isso não passa de uma falsa aparência.

O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e

alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema. Quando caminho em meu apartamento, os diferentes aspectos sob os quais ele se apresenta a mim não poderiam aparecer-me como os perfis de uma mesma coisa se eu não soubesse que cada um deles representa o apartamento visto daqui ou visto dali, se eu não tivesse consciência de meu próprio movimento e de meu corpo como idêntico através das fases desse movimento. Evidentemente, posso sobrevoar o apartamento em pensamento, imaginá-lo ou desenhar sua planta no papel, mas mesmo então eu não poderia apreender a unidade do objeto sem a mediação da experiência corporal, pois aquilo que chamo de uma planta é apenas uma perspectiva mais ampla: é o apartamento ‘visto de cima’, e, se posso resumir nela todas as perspectivas costumeiras, é sob a condição de saber que um mesmo sujeito encarnado pode ver alternadamente de diferentes posições (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 273).

Por sua vez, Aumont (2002, p. 22) conceitua a percepção visual como o processamento, em etapas sucessivas, de uma informação que chega através da luz que “entra” nos olhos. A expressão “percepção visual do espaço” não é utilizada, porque há outros sentidos envolvidos na ideia de espaço, que é basicamente vinculada ao corpo e ao seu deslocamento.

Para Oliveira (2004, p. 192) percepção é “essencialmente egocêntrica e ligada a uma certa posição do sujeito percebedor em relação ao objeto, ao *percepto*, sendo estritamente individual e incomunicável (senão através da linguagem ou do desenho)”.

### **2.1.1 Elementos objetivos**

Os elementos objetivos são os valores técnicos utilizados nas edificações ou no meio ambiente em geral, que resultam no espaço sensorial e perceptivo. Constrói-se o meio ambiente ao se utilizar valores objetivos como forma, função, cor, textura, aeração, temperatura ambiental, iluminação, sonoridade, significante e simbologia (Fig. 3). “Cada um desses valores objetivos resulta no espaço dimensionado, funcional, sonoro, colorido, significante, e a somatória deles resulta no espaço da comunicação e da arquitetura” (OKAMOTO, 2002, p. 104).



Figura 3: Elementos objetivos da matriz.

Fonte: Adaptação da autora de Okamoto, (2002).

O ser humano recebe os estímulos advindos do seu entorno através de diferentes modalidades de energia, incluindo a energia luminosa. Os estímulos energéticos sensibilizam os receptores especializados com informações do ambiente e dos fatos ou eventos que estão ocorrendo. A atenção do sujeito é hierarquizada pela seleção perceptiva de acordo com seus interesses e possibilidades. Contudo, a maioria dos estímulos é apreendida pelo inconsciente, que também configura um mapeamento psíquico-afetivo do contexto ambiental.

### 2.1.2 Elementos subjetivos

Conforme Okamoto (2002, p. 106), os elementos subjetivos (ou não-objetivos) são classificados em seis categorias. Por exemplo, cor, geometria, proporção, ritmo, escala, balanço, forma, leveza e textura, estão todos situados no sentido do pensamento, no sentido da compleição, dentro da lei da polaridade. Os demais estão no sentido da abdução.

Existem, entretanto, outros sentidos internos, cujas percepções também influenciam no comportamento. Assim, há outros sentidos, além dos cinco sentidos considerados externos ou êxtero-receptores, que participam diretamente do processo de interface com a realidade, de modo semelhante a portas de entrada e saída de estímulos e ações.

Os outros sentidos internos e mentais (Quadro 1) foram considerados por autores como Okamoto (2002), os quais propõem uma abordagem ampliada do processo perceptivo.

Quadro 1:

Valores subjetivos	
Sentido perceptivo	os cinco sentidos perceptivos
Sentido espacial	movimento sinestésico vestibular (equilíbrio + gravidade)
Sentido proxêmico	pessoal, territorial, privado
Sentido-pensamento	abdução (símbolo, mito, metáfora, alegoria, arte, estética, poesia, religião, enredo etc.) compleição (lei dos opostos ou lei da polaridade)
Sentido da linguagem	linguagem não-verbal (linguagem corporal)
Sentido do prazer	princípio afetivo

- Sentidos em geral e elementos subjetivos (OKAMOTO, 2002).

Após a percepção ocorre a consciência, no momento em que o Eu (desejo, anseio, vontade ou necessidade a ser atendida) participa nas decisões sobre o comportamento. “Essa interpretação provém dos conceitos de Antroposofia de Rudolf Steiner, através dos estudos do psicólogo David Yaari, que identificou doze sentidos interpretados além do sentido restrito da fisiologia” (OKAMOTO, 2002, p. 108).

Quadro 2

Sentir	visão, olfato, paladar, térmico (que dão a sintonia entre o interior e o exterior)
Querer	tato, orgânico, <u>cinestésico</u> , equilíbrio (que dão a sensação de nós mesmos ao estabelecermos nossa relação com o mundo)
Pensar	audição, linguagem, pensamento, Eu (que dão a sensação do mundo ao estabelecermos nossa relação conosco mesmos)

- Três categorias e 12 sentidos: percepção e consciência (OKAMOTO, 2002).

A identificação dos 12 sentidos (Quadro 2) promoveu a formação de um conjunto com a consciência do Eu no comportamento do ser humano. Ou seja, todos os sentidos são utilizados em relação ao Eu, em relação a nós mesmos, ao nosso redor e ao redor do mundo, no processo de sentir, querer e pensar.

## 2.2 CARTOGRAFIA ALTERNATIVA - NÃO HEGEMÔNICA

“Nas grandes metrópoles nenhuma pessoa pode conhecer bem, senão um pequeno fragmento da cena urbana total; nem é necessário para ela ter um mapa mental ou imagem da totalidade da cidade para poder prosperar no seu canto do mudo” (TUAN, 1974, p. 222).

Para Kastrup (2009, p. 76), “a cartografia é um procedimento *ad hoc*, a ser construído caso a caso”. Assim, as cartografias são decorrentes de práticas específicas para cada domínio, sendo praticada e não aplicada. Pois, não se trata de um método baseado em regras gerais que servem para casos particulares.

O desafio da cartografia é justamente a investigação de formas, porém, indissociadas de sua dimensão processual, ou seja, do plano coletivo das forças moventes (ESCÓSSIA, 2009, p. 99).

Passos (2009, p. 201) adverte que o método da cartografia “não é um conjunto de regras para ser aplicadas, nem um saber pronto para ser

transmitido”. Sendo assim, a aprendizagem da cartografia não é questão de aquisição de saber nem de transmissão de informação. É preciso praticar a cartografia.

Os situacionistas não foram os primeiros a trabalhar com mapas para evidenciar situações. A própria infografia foi iniciada a partir de dados correlacionados ao território. No entanto, com o movimento do século XX, é que a cartografia alternativa se iniciou como forma contestadora e de criação coletiva. Guy Debord, seu precursor, pensava a sociedade em sua totalidade, mais especialmente preocupado com a questão da aparência ter se tornado, a seu ver, mais importante que a questão real de conteúdo. Em seu livro, *A Sociedade do Espetáculo*, reflete sobre as mudanças de seu tempo:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do ser em ter. A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do ter e do parecer, deforma que todo o «ter» efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido. Somente naquilo que ela não é, lhe é permitido aparecer (DEBORD, 2003, p. 13).

Fica evidente que, para Debord (2003), a circulação humana é considerada como consumo, sendo um subproduto da circulação de mercadorias. O ato de conhecer os lugares reduziu-se no turismo, fundamentalmente reduzido à distração de ir ver o que já se tornou banal. Não há exploração nem descobertas. “A ordenação econômica dos frequentadores de lugares diferentes é por si só a garantia da sua pasteurização. A mesma modernização que retirou da viagem o tempo, retirou-lhe também a realidade do espaço” (DEBORD, 2003, p. 109).

Na visão situacionista, a sociedade modela tudo o que a rodeia, assim como o seu próprio território. O urbanismo nada mais é que a tomada do meio ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver-se em sua lógica de dominação absoluta, refaz o espaço como seu próprio cenário.

Quando a sociedade perde a comunidade do mito, perde também todas as referências de uma linguagem realmente comum no momento em que

a cisão da comunidade inativa é superada pelo acesso à comunidade histórica real. A arte, que foi essa linguagem comum da inação social, no momento em que ela se constitui em arte independente no sentido moderno, emerge do seu primeiro universo religioso e torna-se produção individual de obras separadas, a saber, o movimento que domina a história do conjunto da cultura separada. A sua afirmação independente é o começo da sua dissolução (DEBORD, 2003, p. 119).

Além de Foucault, Deleuze e Guattari propuseram a cartografia dos afetos como um método para o conhecimento e o desvendar de uma experiência. Refere-se ao traçado de mapas processuais de um território existencial. É o conceito do mapa filosófico. Para eles:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como um a meditação (LEIRIAS, 2012, p, 121).

Quando se pensa em cartografia nas artes visuais, as estratégias situacionistas são referências importantes para se pensar uma relação singular e crítica com o espaço, as pessoas, as instituições e o cotidiano. Os aspectos que problematizam a cidade são: o urbano, a arquitetura, a vida cotidiana, e constituem práticas coletivas de criação artística como exercício de novos modos de vivenciar os espaços urbanos.

Para Debord (1955), foi apropriada a proposição da palavra “Psicogeografia”, para designar o campo de estudos constituído pelas experiências de seu grupo, as quais foram propostas no começo da década de 1950. “A Psicogeografia se propunha o estudo das leis precisas e dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente organizado ou não, em função de sua influência direta sobre o comportamento dos indivíduos” e, por isso:

O adjetivo psicogeográfico, que conserva uma incerteza bastante agradável, pode então ser aplicado as descobertas feitas por esse tipo de investigação, aos resultados de sua influência

sobre os sentimentos humanos, e inclusive de maneira geral a toda situação ou conduta que pareça revelar o mesmo espírito de descobrimento (DEBORD, 1955, s/p).

O campo de Psicogeografia trabalha com conceitos da geografia urbana. Mas, sua atividade pode ser realizada de maneira bem-humorada e não necessariamente adotar os recursos ou ser meio de investigação científica. Por exemplo, os jogos urbanos são a marca da Psicogeografia, propondo um passeio por uma cidade que seja guiado pelo mapa de outra localidade ou definir uma hora exata e comparecer a um “encontro” que não foi previamente combinado com ninguém. Além dessas, também há outras possibilidades como:

[...] interações com estranhos, pedir carona quando o transporte público estivesse em greve, andar pelas catacumbas fechadas, plagiar e adulterar obras de arte por colagens, desvio de significados pré-estabelecidos, adotar o mesmo pseudônimo por todos os participantes, excursões às cavernas, procura de “linhas mágicas” formadas por monumentos pré-históricos, performances, sexo grupal público e produção do caos. As ações realizadas são documentadas pelos seus protagonistas (EEROLA, 2004, p. 139)

Zonas emocionais não podem ser determinadas simplesmente por condições arquitetônicas ou econômicas. Para os situacionistas, podem ser determinadas à deriva, como em um passeio sem rumo. Os resultados podem formar a base para uma nova cartografia, caracterizada por um total desrespeito pelas práticas tradicionais e habituais.

A produção de mapas psicogeográficos, ou mesmo a introdução de alterações, tais como mais ou menos arbitrária transposição mapas de duas regiões diferentes, pode contribuir a esclarecer certas andanças que não expressam subordinação à aleatoriedade, mas insubordinação completa a influências habituais.

Coverley (2006, p. 90) conta que “recentemente um amigo me disse que ele queria conhecer a região de Harz, na Alemanha, enquanto ia seguindo cegamente as instruções de um mapa de Londres”. Para o autor, este tipo de jogo é, obviamente, apenas um começo medíocre em comparação com a construção completa da arquitetura e urbanismo que vai ser um dia dentro do poder de todos.

“Ao demonstrarem a necessidade de unir vida cotidiana e jogo, os situacionistas denunciavam a necessidade de retorno do caráter lúdico às cidades, e se o faziam era por acreditar que o jogo havia sido perdido nos contextos urbanos” (DIAS, 2007, p. 211). “Depois de *Homo faber*, e talvez ao mesmo nível de *Homo sapiens*, a expressão *Homo ludens* merece um lugar em nossa nomenclatura” (HUIZINGA (2000, p. 3). Huizinga (2000) assinala que o jogo é observado na vida de humanos e animais, considerando que, para os seres humanos, isso é tão importante como o raciocínio e o fabrico de objetos.

### 2.3 IMAGENS DO MUNDO E DO IMAGINÁRIO

Através dos tempos, os mapas têm exercido uma grande fascinação sobre os artistas. As formas codificadas de representar os espaços geográficos expressam um ‘ver o mundo’ complexo que abarca o domínio técnico e os conhecimentos científicos – e também os aspectos simbólicos relacionados às formas de organização social.

O controle dos conhecimentos envolvidos na arte de cartografar, como observou Bauman, corresponde à necessidade de manipular as incertezas quanto à configuração dos espaços geográficos para garantir sua dominação (BULHÕES, 2013). Os artistas, em especial a partir da modernidade, quando se desenvolveu mais intensamente a ciência dos mapas, perceberam a riqueza e a complexidade desses mecanismos de representação. Eles foram desafiados por esses novos conhecimentos, inserindo suas imagens em suas obras e lidando com o tipo de pensamento que desenvolviam.

No mundo moderno, a concepção de território esteve na base da formação dos estados nacionais e foi de fundamental importância na estruturação das identidades. Todavia, nesta contemporaneidade, a desterritorialização impôs-se, como uma realidade irreversível. Isso ocorreu pelo modo de vida cosmopolita, que se realiza por constantes deslocamentos, seja por um cotidiano marcado pela ação das mídias transacionais, ou, ainda seja pelo consumo que uniformiza padrões de comportamento.

A nova ordem político-econômica nacional é apoiada em uma complexa rede de comunicações. Isso foi decorrente dos avanços da tecnologia informática, conduzindo à unificação dos espaços e dificultando ou mesmo impossibilitando a manutenção das fronteiras tradicionais e dos territórios fechados.

Como outros agentes sociais, os artistas criam seus próprios mapas e percursos individuais e, assim, alimentam a discussão sobre a amplitude e a diversidade do conceito de cartografia. Suas propostas podem ser tratadas como documentos de trabalho sobre territórios específicos, proporcionando alguns experimentos que, ao mesmo tempo, são críticos e poéticos. Na era digital, essas cartografias pessoais instauram no ciberespaço relações diferenciadas que reconfiguram elementos e conceitos ao relacionar campos poéticos, virtuais e geográficos.

Há também ações coletivas, como a criação de mapas táticos com o uso de equipamentos *drones* com câmera, para percepção de outros ângulos de visão e monitoramento das alterações na paisagem – especialmente se há interesses para uso de uma comunidade. Assim, toda produção simbólica do espaço cria e transforma este mesmo espaço.

Enfim, as composições de mapas não consistem na proposição da verdade, porque esses são expressões de diferentes experiências sobre e no espaço e, ainda, possibilitam variações interpretativas ou vivenciais devido às diferenças nos processos de interpretação ou fruição dos usuários ou observadores. “As cartografias não só representam o território como criam um território, todo mapa é uma reterritorialização”, com “potencialidade de refazer-se e atualizar-se a cada fruição do sujeito” (LEIRIAS, 2012, p. 120).

Mais que objetos, os mapas são eventos processuais, cuja materialidade ou objetividade está constantemente inacabada. Enfatiza-se aqui que o mapa não é uma representação externa do mundo, mas algo que participa do mundo e o afeta.

Além das diferenças cognitivas e subjetivas que distingue os diversos processos cartográficos e os mapas resultantes, também, há múltiplas variações nos modos de ver e perceber o entorno, seja no campo ou na cidade. Enfim, em cada representação informativa ou perceptiva há um coeficiente de veracidade, seja com relação ao sujeito perceptivo ou informativo ou com relação ao ambiente representado. Uma representação sempre está aquém e além do objeto representado porque, ao mesmo tempo em que é parcial e incompleta, também apresenta elementos e aspectos que compõe outra realidade além do objeto.

Na representação da cidade, por exemplo, selecionam-se elementos e aspecto parciais, que são selecionados para compor um

sentido geral, propondo a representação como síntese metonímica. “Veracidade tem sua verdade e eficiência na medida em que, na cidade, é selecionada uma imagem persuasiva, ou não. Toda representação é uma parcialidade, uma ficção verídica” (FERRARA, 2002, p. 117).

Para Baity (1994), os modelos fractais examinados nas percepções visuais da forma urbana permitem a visualização de diversas formas urbanas, com graus muito diferentes de realismo ou perspectivas de realização, por meio de modelos muito simplistas. Cullen (2008, p. 10) afirma que, por acréscimo, quando olhamos uma coisa vemos uma quantidade de outras coisas.

## 2.4 DA CARTOGRAFIA COGNITIVA À POESIA VISUAL

Há diferentes categorias de representações do pensamento e da expressão espaciais não-ocidentais, que também podem ser encontradas de uma forma ou outra na nossa própria sociedade (Quadro 3).

Quadro 3

Interno (experiência interna)	Externo (processos e objetos que realizam ou externalizam a experiência interna)	
Cartografia cognitiva (Pensamento, imagens)	Cartografia de performance (performance, processos)	Cartografia material (registro, objetos)
Imagens organizadas como constructos espaciais	a) não material e efêmero gestos rituais canções poemas dança oração b) material e efêmero modelo croqui	a) in situ arte rupestre mapas visualizados b) objetos móveis e comparáveis pinturas desenhos croquis modelos tecidos cerâmica registro de mapas de performance

- Categorias de representação do pensamento (WOODWARD, 1998, p. 3).

Para Seeman (2003, p. 6), a cartografia cognitiva ou mental (Quadro 3) inclui tanto as imagens do ambiente guardadas na mente das pessoas para encontrar caminhos ou se orientar no espaço, quanto artefatos físicos que registram como as pessoas percebem o espaço e os lugares:

A cartografia de performance pode se manifestar em forma de um ato social não material, oral, visual etc., como gestos, rituais, canções, processos, danças, poemas, histórias ou outros meios de expressão ou comunicação cujo propósito primário é definir ou explicar conhecimentos ou práticas espaciais. A representação espacial também pode ter uma forma material e ‘não efêmera’.

Mais próximos da ideia contemporânea de atlas subjetivo, os mapas desta categoria são artefatos físicos que podem ser encontrados fixados em um lugar (arte rupestre, desenho de mapas em habitações, paredes etc.) ou são registros “móveis”, “portáteis” como cerâmica, tecidos, descrições ou imagens fixas ou móveis, artesanais, eletrônicas ou digitais de performance etc.

Apesar de suas similaridades com a arte e de suas possibilidades artísticas, esta noção de atlas subjetivo ainda é diferenciada da cartografia de arte. “Em ambos os casos pode-se detectar semelhanças entre os meios pelos quais eles atuam em ‘matéria-prima’ (definida de formas específicas), transformando-o de maneiras diferentes e para diferentes fins” (FAIRBAIRN, 2009, p. 23). De outra parte, a abordagem realista propõe a sensação de familiaridade à percepção do observador, mas isso não corresponde a uma verdade e, tão pouco, necessita ser um compromisso.

A noção de território é fortemente relacionada à relação de poder exercida sobre um lugar. Nas cidades, a territorialidade é facilmente vinculada ao sentido de propriedade que, por vezes, pode estar “enviesado” na percepção dos moradores em relação ao que é público e ao que é privado.

O sentido de propriedade também gera confusões no entendimento do conceito de cidadão e de consumidor, sendo uma das contradições da modernidade e do progresso, nos moldes das estruturas hegemônicas existentes na atualidade. Os cidadãos, pessoas com direitos e deveres em relação à sociedade, têm exercido sua cidadania com

recursos de diversas linguagens para representar o que é significativo em seu cotidiano. Isso estabelece o diálogo entre a cidade interna e a externa ao seu ser.

Fernandes (2013) assinala a observação do antropólogo francês Olivier Mongin que considera os pequenos espaços urbanos mais interessantes que os grandes, porque revelam uma cidade invisível. Contudo, isso que não é normalmente observado é também revelador do significado do espaço urbano. Assim, a alma mais sincera da cidade não está registrada no cartão postal, porque nesse faltam o imaginário e a cultura dos habitantes dos pequenos espaços.

A imaginação é também propositora de significados na relação entre os habitantes e os lugares, indo além da percepção e da memória, como instâncias que capturam e armazenam os estímulos sensoriais, as imagens e as ideias que alimentam o imaginário individual e coletivo.

Acompanhando o pensamento aristotélico, Cañas (1994) considera que os estímulos e a observação da cidade abrem um espaço exclusivo para o visionário ou o poeta, que conta e retrata também o que poderia acontecer. Assim, Aristóteles equipara o filósofo ao poeta que conta suas histórias, mas, considera que a fantasia poética é desenvolvida por homens de talento ou exaltados.

“Fala-se muito em cinema e em teatro poéticos e acontece-nos ter sonhos poéticos” (GREIMAS, 1975, p.11-2). Desconsiderando-se a atribuição de poderes mágico-religiosos a certas representações ou práticas, por extensão, seria possível considerar predominantemente poéticos elementos que, para outras civilizações, são predominantemente sagrados como: ícones e outras obras e imagens, objetos, hinos, ritos, e até textos religiosos ou filosóficos.

A função poética é diferenciada com relação a outras funções designadas para os objetos e as ações, não sendo diretamente associada a atividades práticas, simbólicas, descritivas ou denotativas e mágico-religiosas, sendo caracterizada pelo valor apreciativo da obra. Portanto, o discurso poético se sobrepõe aos estritos recursos das linguagens, porque provém de efeitos de sentido indescritíveis, que são característicos de uma classe particular de discursos decorrentes da intuição.

Através da organização da expressão física ou material dos objetos, o discurso poético propõe através da materialidade dos objetos e das ações experiências afetivas emocionantes. Isso possibilita vivências que evocam ideias de transcendência e divindade. Enfim, a poesia causa

um efeito aos sentidos, especialmente com significantes sonoros e visuais. Portanto, é também na materialidade que o discurso poético fundamenta sua sacralidade.

É relevante reconsiderar que o traço poético e a designação “poesia” não se aplicam exclusivamente aos conjuntos de versos falados ou escritos. São elementos que abrangem toda a produção estética e artística que também compartilham o campo poético. Isso inclui obras mais permanentes, como pinturas, esculturas e mesmo objetos comuns, ou ações performáticas, como apresentações musicais e teatrais ou simplesmente algumas ações cotidianas.

Os poemas concretos caracterizaram um tipo de obra cujo sentido resulta da associação entre a sonoridade das palavras à visualidade da expressão e da ordenação de sua escritura. Inclusive, há poemas que incluem elementos puramente visuais, inclusive, com o predomínio desses elementos sobre as sonoridades e a grafia das palavras (Fig. 4).

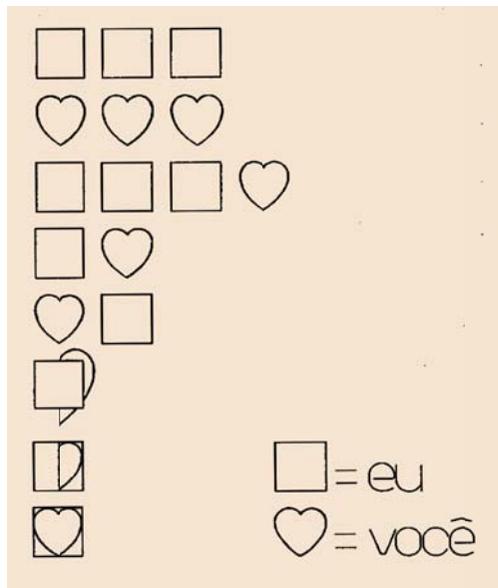


Figura 4: Poesia visual

Fonte: Pignatari (2005, p. 60).

Pignatari (2005, p. 59) assinala que, se as formas usadas na poesia visual se explicam por si mesmas, não há a necessidade de fornecer o

dicionário ou a chave léxica do poema: como é o caso das colagens ou do uso de figuras. Mas para divertir-se, usando ‘palavras analógicas’ e novas relações entre essas, então a chave léxica deve ser utilizada. Um exemplo disso é o poema “Eu e você” (Fig. 4), que representa as diferenças individuais e a assimilação amorosa do outro, por meio da interação entre duas figuras: (1) quadrado e (2) coração.

Por sua vez, as poesias visuais sobre os lugares ou as cidades devem apresentar imagens que promovam sensações e cognições relacionadas ao ambiente humano, cultural ou geográfico do lugar. Cañas (1994) aponta a superposição de dois campos semânticos, já que a cidade, como imagem fisicamente denotada ou imaginada, contrasta com a percepção do espaço da não cidade ou da natureza. Mas, como as percepções urbanas ou naturais são também concebidas e representadas por argumentos culturais, há intersecções linguísticas fazendo com que “um vocabulário procedente da natureza seja empregado para expressar metaforicamente a paisagem urbana, o maquinismo, a tecnologia e a vida na cidade: exemplos seriam ‘rios de gente’ para significar multidão e ‘massa’ humana pelas ruas”. Enfim, “no discurso poético urbano tem lugar um conflito entre uma cidade real e outra irreal (imaginária, simbólica, alegórica)” (CAÑAS, 1994, p. 9-10).

De acordo com Pires (2012), a constituição de um processo de criação-nomeação do mundo pela linguagem implica na compreensão sobre as formas de significação da experiência, ou em como ela é traduzida. Isso tudo também pode implicar que indivíduo exerça suas experiências e crie suas memórias tanto na cidade real quanto na cidade simbólica. Muito dessa poética urbana, que é poética do espaço, está relacionado à afetividade do olhar que, por sua vez, é sentida (e mesmo lida ou intuída), conforme a legibilidade da cidade. Uma das maneiras de ser viabilizada é pelo caminhar, pela deriva, pelos *walkscapes* e outros percursos poéticos, os quais já foram vivenciados na sociedade industrial por dadaístas, surrealistas e situacionistas. Tais experiências e a reflexão sobre essas promoveram a criação de conceitos como Psicogeografia e Cartografia Emocional, privilegiando as experiências e as linguagens não verbais.

A cidade, encarada como texto a ser decifrado, é um jogo aberto à complexidade. A ideia do percurso pelas ruas pode ser comparada à do percurso pelo texto. Isso leva à noção de hipertextualidade do contexto urbano, que é construída por meio de um “processo relacional nas narrativas das suas imagens, cartazes, outdoors, monumentos, textos que

murmuram outros textos, que são lidos em relação a outros, engendrando uma realidade sempre móvel, reinventada pelas atividades caminhantes dos cidadãos” (PIRES, 2012, p. 117).

Sendo a rua e a malha urbana, de modo geral, o lugar onde são estabelecidas as relações humanas e as trocas, Pires (2012, p. 90), concordando com Benjamin, não deixa de reconhecer o empobrecimento cultural decorrente do declínio da experiência no tempo da coletividade. Se não há espaços apropriados para o encontro, e isso é premissa da arquitetura e do urbanismo, por intermédio da municipalidade ou das diferentes esferas que exerçam relações de poder sobre um determinado território, não há encontros. Se não há encontros, não há trocas.

A linguagem das trocas no espaço urbano ultrapassa a linguagem verbal de várias maneiras. Também há entrelinhas a serem lidas nos limites que as pessoas estabelecem entre si em diferentes espaços e momentos. Os corpos mantêm distâncias socialmente aceitas: há a distância estabelecida num caminhar desimpedido e há a distância suportável num transporte público lotado. Também há a distância dos corpos com as coisas, e como com elas se relacionam: pode ser por meio de um andar “desfilante” no meio da calçada ou por uma passagem discreta rente aos limites dos lotes.

A experiência pública elaborada por Oliver Mongin aproxima a cidade das páginas de um livro. “A cidade-corpo é também cidade linguagem, pois entre o ‘corpo da cidade e os corpos que a percorrem, a cidade é uma folha jamais totalmente branca, sobre a qual corpos contam histórias” (ZANDONÁ, 2013, p. 125 e 126). Essa percepção faz com que o olhar do transeunte mude de perspectiva constante e incessantemente. Não há meios de reter o olhar, já que o espaço vem a ser uma extensão do corpo-sujeito na cidade-corpo.

A poesia da cidade é aquela que se baseia nas relações entre um sujeito poético e um objeto formado pelo espaço urbano e seus habitantes. Essas relações vão desde a rejeição completa da urbe até sua aceitação abnegada; a condição de que, implícita ou explicitamente, haja o diálogo, ou sua negação, entre cidade e sujeito poético. Assim, o tratamento desta conflitiva troca pode ser tanto referencial como imaginativo, ambíguo em suas posturas como íntimo e positivo.

Segundo Cañas (1994, p. 17, tradução livre), “imaginativo é o conjunto de imagens que produz um poeta ao enfrentar-se a vivências diretas da cidade”. Para isso, é deixada de lado a poesia escrita sobre

idades imaginárias e fantásticas (utópicas ou distópicas), distantes no tempo e no espaço, que não fazem parte da experiência pessoal do poeta (ao menos que estas fabulações sejam produto ou reação à cidade vivida). Este outro tipo da poesia das cidades não deixa de ter interesse e, de algum modo, contém também as pegadas da experiência urbana individual.

As relações do indivíduo com a cidade sempre serão tema de estudo, especialmente se há tantas possibilidades nos caminhos embrenhantes da arte. A cultura humana pode gerar inúmeras possibilidades de criação, com novas interferências no espaço, e mesmo no tempo. As cidades estão sempre se modificando.

Ainda que o tema não seja conclusivo, o percurso continua sendo uma interessante maneira de perceber um texto ou uma cidade. Basta experimentar. Se a poesia é uma forma de uso da linguagem para a expressão de emoções e pensamentos, através de percepções, muito provavelmente um atlas subjetivo possa, da mesma forma, servir de expressão para as percepções acerca das vivências num território.

## 2.5 TRANSTERRITÓRIOS E OUTRAS CARTOGRAFIAS

Silva (2014, p. 18 e 19) adverte que “não estudaremos a poesia morta, fechada em estruturas; investigaremos, sim, a poesia viva, a poesia como essência da linguagem”. Nessa relação, Heidegger (2011, p. 26) é citado por expressar que a fala chama a diferença, “a diferença que desapropria mundo e coisa para a simplicidade de sua intimidade”. Dessa forma, as percepções sobre o território são como poesia que “sai do seu lugar habitual e vai para a rua, embrenha-se, invade os espaços”, como um ato religioso que propõe o religamento com o divino.

Silva (2014, p. 27) também cita Jung para ajudá-lo a refletir sobre a função dessa percepção, que é ensinar a ver, mas também ensinar um modo de ver. O ver, neste contexto, significa conhecer, compreender e “aquele que compreende, este sim, ama, percebe e vê” (JUNG, 1991, p. 22). Assim, a missão do poeta da percepção é ensinar a conhecer, a compreender. “A poesia, a bem dizer, não ensina a ver nada; ou, então, o que daria no mesmo, ensina a ver tudo” (MOISÉS, 2007, p. 15).

O lugar possui um significado que o indivíduo incorpora à própria identidade. Na construção dessa identidade, há dimensões e características do entorno espacial físico que são incorporadas pelo

sujeito, e conseqüentemente pela comunidade, por meio da interação com o ambiente. Assim, a identidade de lugar é um componente específico do próprio eu do sujeito, “forjado em um complexo de ideias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e tendências” (GONÇALVES, 2007, p.28-29).

A composição dessa identidade de lugar advém da apropriação do espaço. E essa apropriação, por sua vez, é processada como o sentimento de possuir e gerenciar um espaço por uso habitual ou por identificação. Nesse caso, o conceito de espaço abrange os espaços físicos, sociais, psíquicos e culturais. “Um sujeito, ao apropriar-se de um lugar, com o tempo, deixa sua marca e, ao transformá-lo, inicia um processo de reapropriação com o ambiente, colocando nele objetos com o qual se identifica”. “Os processos de apropriação são complexos e se dividem em dois aspectos fundamentais: comportamentais de ação-transformação e de identidade de lugar simbólica – identidade do sujeito com o espaço, na qual se incluem os processos afetivos, cognitivos e interativos” (GONÇALVES, 2007, p.28-29).

Fernandes (2013) recupera a indagação de Olivier Mongin, antropólogo francês, sobre qual o sentido da figura do *flâneur*. Assim, compara os tempos da urbe e as dimensões que essa abrange em termos de espaço, considerando a necessidade de outros meios para se contemplar o que antes poderia ser observado caminhando a pé. Agora, é necessário que isso aconteça por meio de outros movimentos, porque “não vivemos mais a cidade do poeta, como foi a Paris de Baudelaire, mas a do cineasta. A urbe é de quem usa instrumentos mais rápidos para registrá-la. Mas, em resumo, não importa – a melhor cidade é a que conseguimos entender. Inclusive andando a pé...” (FERNANDES, 2013).

Para Pires, a escolha da velocidade da caminhada para a descoberta do espaço urbano foi associada à resistência da experiência temporal do ócio, para quebrar a linearidade e a intensidade do tempo do trabalho industrial, primeiramente imposto por Taylor e sequenciado pelo fordismo que propôs “a anulação do indivíduo, em uma engrenagem que o ultrapassa. Caminhar, olhar, descrever, tornam-se atos improdutivos. No mundo do trabalho reificado, os jogos e brincadeiras – desde que corrigidos e apropriados passaram a ser ‘o trabalho da infância’” (PIRES, 2012, p. 42)

O poeta do meio urbano tem uma atitude que influencia a forma de percepção que o observador – artista – tem de seu objeto – a cidade.

Nesse aspecto, é interessante observar que o *flâneur* não é mais uma figura fechada em si. Ele pode aparecer em brechas no tempo em que o cidadão comum permite-se experimentar. Então não há mais divisões entre os passantes apressados entregues ao regime severo das divisões do tempo e os passantes que, em momentos lúdicos, podem viver a experiência dessa vivência *flâneur*, como uma prerrogativa da pós-modernidade. Há muitas tribos, muitos nichos, e ninguém precisa viver hermeticamente nas escolhas ou imposições da rotina de sua vida diária.

É permitido que as pessoas se entreguem a determinada vivência em um dado momento do dia-a-dia. Esse quase ‘jogo de arquétipos’ abre espaço para a descoberta da multiplicidade do ser humano: o aluno ensina, o mestre aprende, o guerreiro entrega-se a uma atitude gentil, o militar pode travestir-se de punk, os gêneros podem se diluir etc. As repercussões atuais dessas possibilidades fazem o poeta aparecer como um pequeno deus erigido da massa humana, apesar de isso não ser um padrão. Cañas (1994, p. 28) assinala que Walter Benjamin considera que, nas ideias de Baudelaire, claramente, já é expresso que na cidade se dão dois tipos de experiências: (1) a hostil do mundo industrial e (2) a verdadeira experiência filosófica que estuda a poesia e propõe a noção de poeta filósofo.

Azevedo (2013) recupera o pensamento do geógrafo brasileiro Milton Santos, cujas ideias reagiram à crença na relação entre a inteligência do mundo e as qualidades dos homens mais velozes, porque observara que, nas cidades, predomina o tempo dos homens lentos, que se apartam da correria para pensar, agir e direcionar os eventos. “Os homens lentos têm outra maneira de se apropriar da cidade, subvertem o modo permitido e o tempo acelerado a partir das práticas de desvio (AZEVEDO, 2013, p. 143).

A descrição de territórios e de grupos sociais acontece no mundo todo com diversos experimentos. Há também a cartografia de um tempo, demarcando determinados eventos ou interesses. Há iniciativas e instrumentos de cunho social, satírico, artístico, geográfico e urbano. Por exemplo, os aplicativos digitais para telefonia móvel, ou *Apps*.

Os aplicativos digitais são cada vez mais utilizados, porque promovem e facilitam a interação entre diferentes agentes e funções sociais. Há, inclusive, o aplicativo *Psychogeography Tool*, que foi desenvolvido em parceria entre a Universidade da Califórnia (CSD) e a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), que propõe e facilita a exploração do espaço urbano pelo cidadão comum.

O aplicativo *Psychogeography Tool* atua na determinação da localização do aparelho eletrônico-digital móvel e permite a escolha do raio de atuação em torno da localidade. A bússola da interface (Fig. 5) ou a interação com a plataforma *Google Maps* orientam a exploração de qualquer localização aleatória. Isso possibilita que, enquanto o usuário caminha, ocorram descobertas de aspectos surpreendentes da localidade, ampliando sentidos e significados da geografia local (o seu mapa cognitivo) em detalhes e complexidade.



Figura 5: Imagens da interface do aplicativo *Psychogeography Tool*.

Fonte: <walkingtools.net>

Influenciada pelas ideias de Guy Debord e pelo mapa *Naked City*, a artista contemporânea Molly Dilworth cria mapas de percepção espacial baseados em imagens de satélite e padrões de redes de comunicação. As obras (Fig. 6) são descritas pela artista como *patchworks* hipnóticos, que sugerem uma geografia multiespacial e temporal da cidade virtual contemporânea.

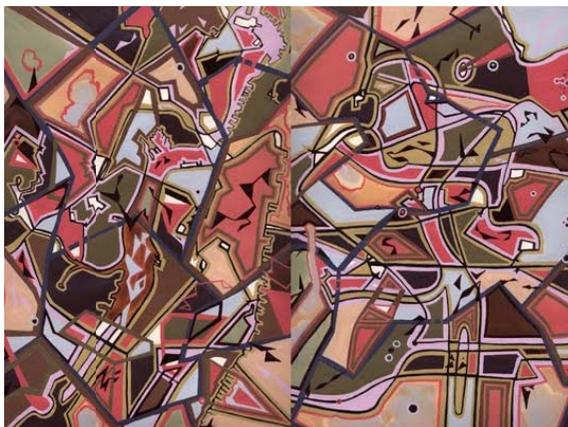


Figura 6: *Naked City 1 e 2* (tinta acrílica sobre papel), Dilworth (2008).

Fonte: <mbmahiquesarch.wordpress.com>

A teoria e a prática de Psicogeografia também são adotadas na obra (Fig. 7) da artista nova-iorquina Beth Campbell que considera o potencial das forças culturais concorrentes para empreender um rigoroso autoexame da relação entre dogma, cultura popular e história pessoal.

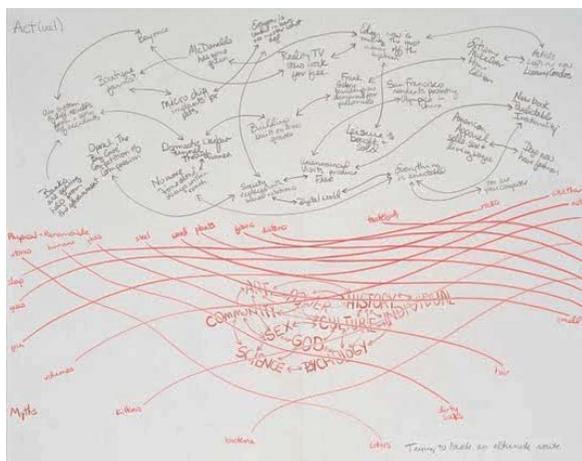


Figura 7: *EntangledWe* (grafite e lápis colorido no papel), Campbell (2008).

Fonte: <mbmahiquesarch.wordpress.com>

Como exercício acadêmico, cinco alunos da *Ohio Wesleyan University* (OWU) realizaram o mapeamento de sua região por meio de Psicogeografia da improvisação (Fig. 8). Assim, os estudantes manifestaram maneiras práticas de interpretação e expressão de ideias, como um grupo situacionistas, desenvolvendo um projeto cartográfico de apelo popular.

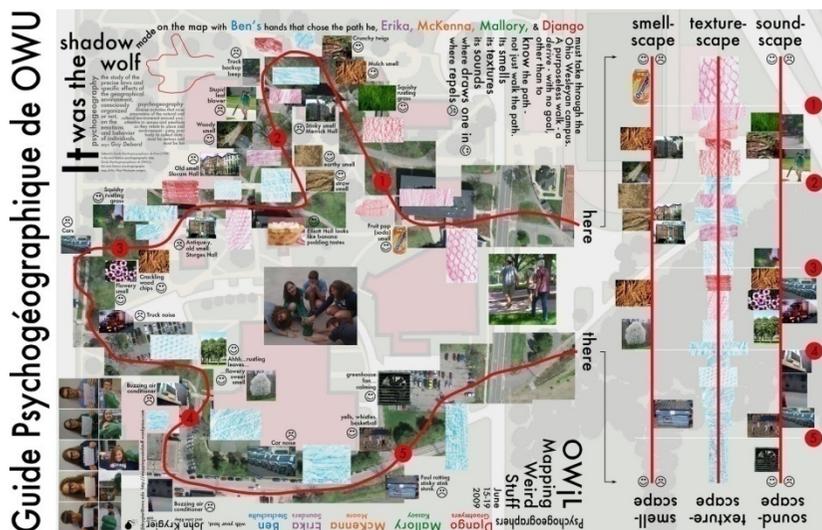


Figura 8: Guia psicogeográfico dos estudantes de OWU (2009).

Fonte: <makingmaps.net/2009/06/22/making-psycho-geography-maps>

O mapeamento realizado (Fig. 8) não é uma representação padrão do território, mas sua composição é comprometida com um mapa mental dos espaços físicos. É um tipo de cartografia que propõe a representação de lugares como foram registrados nas mentes das pessoas, inclusive, sob a influência das emoções. Há registros de elementos do cotidiano que caracterizam e identificam os lugares, mas que não são comuns no repertório dos mapas institucionais convencionais.

O artista plástico britânico Mark Dickens é parceiro da empresa *Formula One Management*, responsável por gerenciar os assuntos relacionados com eventos de Fórmula 1. Por isso, Dickens criou painéis emblemáticos das 19 cidades que sediaram as corridas do Campeonato Mundial em 2011 (Fig. 9). Apesar de atender aos interesses de fortes

grupos econômicos ligados às competições automobilísticas, os painéis com elementos impressos, pinturas, colagens com tecidos, transferências fotográficas e textos escritos manualmente são resultados de pesquisas sobre os elementos socioculturais de cidades e países que sediaram as provas do circuito automobilístico internacional.



Figura 9: Imagens divulgação. Exposição *A Tale of Many Cities* (DICKENS, 2009).

Fonte: <mark-dickens.com>

A partir da ideia de desconstrução, ou “descartografia”, de uma carta convencional de topografia, já disponível na plataforma digital do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), em 2008, houve a proposta de realização de um mapa coletivo. Isso foi feito com inscrições de pessoas que transitavam e habitavam um lugar de passagem, ou seja, a galeria de um terminal de ônibus. As intervenções pessoais no mapa constituíram uma memória coletiva do lugar, evidenciando diferentes subjetividades e influências sociais (Fig. 10).

O trabalho foi proposto, gerenciado e continuado pelo coletivo de artistas do ‘E/Ou’ (Washington, Lúcio Araújo e Newton Goto) que, posteriormente, foi investigar-mapear os espaços anotados no projeto “Descartógrafos” (2008). Em 2010, houve o projeto “Recartógrafos”.

A “recartografia” decorrente da “descartografia” revelou uma realidade pulsante, dinâmica, e não mapeada, tornando visível o invisível. Houve anotações de lugares que, oficialmente, ainda não

havia sido mapeados. Por exemplo, um local chamado “Pequeno Espaço”, onde residia uma pequena comunidade com quase 300 pessoas.



Figura 10: Descartografia, coletivo ‘E/Ou’ (2008).

Fonte: <cartografiasonline.wordpress.com>

Há outro grupo denominado “Iconoclastas”, que realiza mapeio coletivo, cartografias, investigação e imagens de livre circulação. O grupo também realiza *workshops* para estimular o intercâmbio horizontal para os usuários também serem produtores, retomando e transformando outras produções previamente disponibilizadas.

O grupo é situado e atua a partir da cidade de Buenos Aires, Argentina, mas seu trabalho repercute em diversas cidades de diferentes países (Fig. 11), sendo caracterizado pela ideia de produção colaborativa. O trabalho é realizado com tecnologia digital de código aberto e ferramental de Design, com uso de pictogramas e outros recursos gráficos.

Há um manual disponibilizado na rede Internet, em formato de portfólio ricamente ilustrado, cujo conteúdo propõe uma visão crítica do espaço de convivência humana. Além disso, estendem seu trabalho com os ‘cartógrafos ocasionais’ (como é chamado seu público participante) com preocupações que vão desde as possibilidades de aproveitamento no espaço expositivo até o debate sobre as problemáticas sociais e

resistências. Assim, representam a essência da cartografia crítica que incita mudanças.



Figura 11: Mapa comunitário, produto do workshop em Valparaíso, Chile (2014).

Fonte: <[iconoclastas.net/categorias/mapas-del-taller](http://iconoclastas.net/categorias/mapas-del-taller)>

O projeto *Walkscapes* é uma iniciativa do ativista italiano Francesco Careri que propõe a prática do caminhar como um ato cognitivo e criativo, capaz de transformar simbólica e fisicamente tanto o espaço natural como o antrópico. Careri que é autor do livro *Walkscapes* (Fig. 12) defende o ato de andar como recurso estético, transformando a poesia visual do caminhar (Fig. 12), também em mapa verbal, através de uma tabela que agrupa, na primeira coluna, uma lista de verbos, na segunda coluna, uma lista de substantivos e, na terceira, outros verbos mais específicos como, por exemplo, submergir-se, adentrar-se e ir adiante.

Como foi proposto anteriormente, as vanguardas artísticas do século XX indicaram ações como caminhar como parte da história artística. O caminhar foi proposto como recurso estético para explorar e compor os espaços nômades da cidade contemporânea.



Figura 12: Mapa de Copenhague (CARERI, 2013).

Fonte: <arquivosnavegantes.blogspot.com.br>

Há disciplinas ligadas à cartografia crítica e ao espaço urbano na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Isso propicia trabalhos acadêmicos que, por exemplo, mapeiam as atividades dos comerciantes ambulantes, porque esses desenvolvem um modo particular e significativo de apropriação do espaço urbano (Fig. 13).

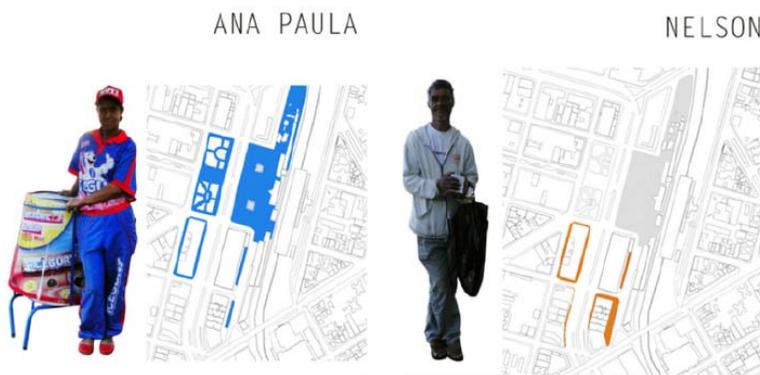


Figura 13: Mapas do trajeto de vendedores ambulantes. Belo Horizonte (2014).

Fonte: Rena (2014).

Em 2004, ativistas espanhóis realizaram uma experiência coletiva que resultou em uma plataforma computacional e colaborativa, com relevante material de propaganda, formação política e agendamento.

Este tipo de atividade faz parte de um repertório revolucionário que inscreve agrupamentos políticos e resistências em espaços comuns. Esses mapas abertos relacionam o território ao campo de atuação, contendo ações passadas e a programação de ações futuras, ou seja, memória e imaginário (Fig. 14). Ele rompe temporalidades e permite múltiplas entradas e interfaces. É um exercício cartográfico necessário e transformador.



Figura 14: Recorte da cartografia crítica do Estreito de Gibraltar.

Fonte: Mayer (2015).

Os mapas também podem ser usados como base para o humor. É o caso da coleção de mapas de Gianni Brandozzi que, humoristicamente, descrevem as tensões entre os vários países europeus no início do conflito da Primeira Guerra Mundial (Fig. 15A e B). É uma oportunidade de aprofundar o conhecimento sobre um período histórico importante, através de documentos que revelam estereótipos nacionais ainda existentes e perceber o desenvolvimento social da época, na política e nos estilos artísticos e de comunicação.

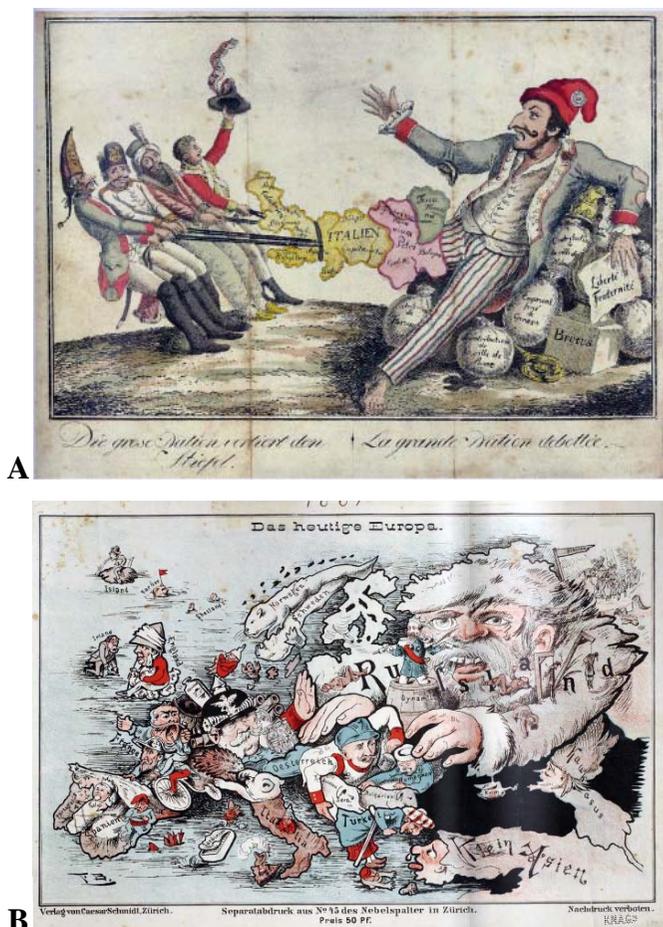


Figura 15 A e B: Ilustrações satíricas da Primeira Guerra Mundial.

Fonte: *Sistema Bibliotecario Intercomunale Lagorai, Comune de Strigmo* (2014).

Kevin Lynch foi um dos percussores da noção contemporânea de percepção do ambiente urbano. Para divulgar a metodologia de apreensão do espaço, Lynch publicou o livro “A imagem da cidade”. No Brasil, Maria Elaine Kohlsdorf também publicou o livro “A apreensão da forma da cidade” em que, seguindo as indicações de Lynch, assinala que a leitura da cidade implica na observação de cinco elementos principais, que deveriam ser organizados em mapas mentais: (1) vias; (2) limites; (3) bairros; (4) pontos nodais; (5) marcos (Fig. 16).

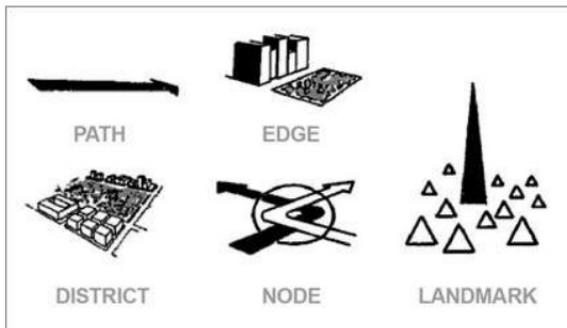


Figura 16: Representação dos principais elementos referenciais urbanos.

Fonte: Lynch, 2002.

Tudo isso envolve questões como: a presença do tempo e da história no ambiente urbano, a influência dos ambientes sobre as crianças ou sobre o aguçamento da percepção humana acerca da morfologia de cidades e regiões, para compor a base conceitual para um bom desenho urbano.

Há bastante tempo, infografistas e desenvolvedores de ferramentas de visualização de dados vêm trabalhando nas relações entre territórios e temas diversificados. Um exemplo clássico, é o trabalho pioneiro de Charles Minard, sobre a marcha de Napoleão (Fig. 17).

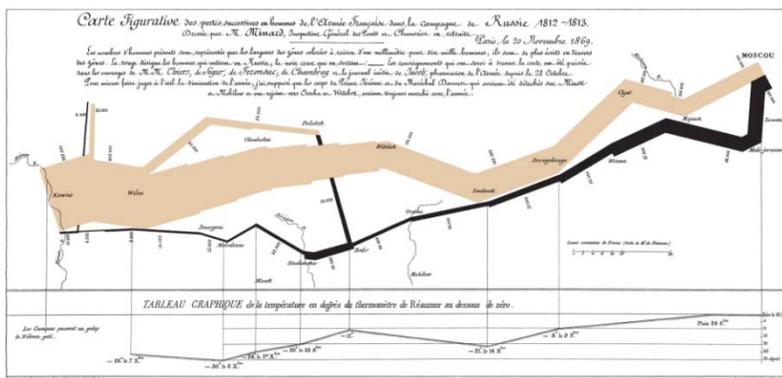


Figura 17: Infográfico, Minard (1861).

Fonte: Medeiros (2010).

A finalidade de todo o trabalho é facilitar a visualização do conteúdo. Por isso, no gráfico (Fig. 17), há quatro variáveis diferentes

que contribuem para demonstrar o fracasso da campanha napoleônica, em apenas uma representação bidimensional: (1) a distância e direção que percorreram; (2) a altitude que as tropas atravessaram; (3) a variação no número de soldados, de acordo com as baixas nas tropas, devido à fome, ao frio e aos ferimentos; (4) as baixas temperaturas que as tropas enfrentaram.

Os exemplos apresentados neste item e os argumentos teóricos anteriormente expostos permitem identificar diferentes aspectos do trabalho com as representações de territórios. Em síntese, os trabalhos cartográficos alternativos são realizados para registrar e apresentar, entre outros, os seguintes aspectos:

- Manifestações artísticas,
- Atividades colaborativas com fins comunitários,
- Expressões políticas,
- Quadros informativos e comunicativos,
- Experiência educacional de percepção,
- Ferramenta para um trabalho técnico urbano realmente efetivo,
- Ressignificação de um contexto,
- Modo de programar a resistência,
- Arquivo, catálogo, memória, patrimônio,
- Exercício de cidadania,
- Aparelho tático de guerra,
- Inspiração para a deriva,
- Localizador de não trivialidades.

### 3 O TERRITÓRIO DA LAGOA DA CONCEIÇÃO

A Lagoa da Conceição e região abrangem a porção leste da alongada Ilha de Santa Catarina (Fig. 18). A área possui elementos naturais costeiros, mas o foco da pesquisa recaiu sobre as áreas mais populosas e de maior tráfego na orla da Lagoa. Tratou-se do espaço compreendido no miolo da antiga Freguesia da Lagoa, passando pela região do Canto, e estendendo-se pela avenida das Rendeiras até a Barra da Lagoa, na porção voltada à orla da lagoa, e não à praia. A Costa da Lagoa, de características mais pitorescas, não foi pesquisada, mas o alto do Morro das Sete Voltas foi contemplado, porque abarca toda a paisagem e apresenta alta movimentação, sendo ponto de passagem obrigatória.

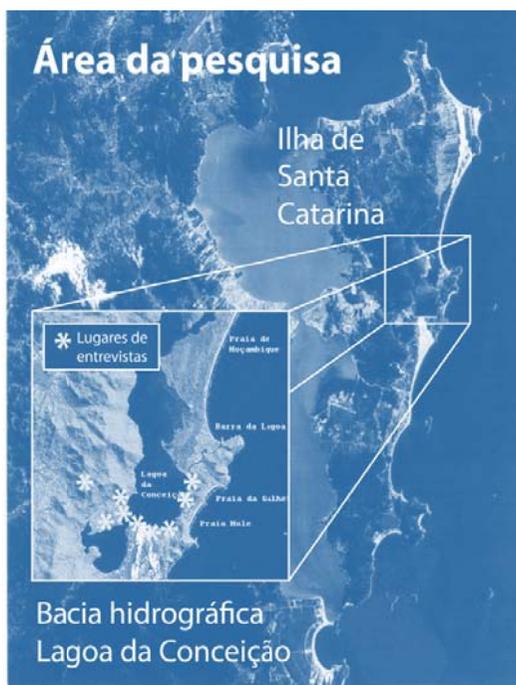


Figura 18: Delimitação da área pesquisada: bacia da Lagoa da Conceição.

Fonte: Gráfico desenvolvido pela autora.

O ambiente urbano da Lagoa da Conceição é politicamente delimitado na cidade de Florianópolis, que reúne a Ilha de Santa Catarina, uma porção continental e algumas pequenas ilhas. A cidade é capital do estado de Santa Catarina e, nas últimas décadas, vem passando por grandes transformações. Além da explosão populacional, especialmente pela migração interna no próprio país, falta para a boa gestão da cidade um planejamento adequado às características de seu crescimento urbano.

Para Vieira (2013, p. 67), na análise do espaço público de Florianópolis, deve-se considerar “a qualidade formal dos espaços, diretamente relacionada com a valorização imobiliária, distinguindo bairros por classes sociais, o que fragmenta a cidade, gera desigualdades socioambientais e de mobilidade urbana”.

### 3.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

Historicamente, com a vinda dos colonizadores açorianos, a partir de 1746, foram estabelecidas sete freguesias: São José, São Miguel, Nossa Senhora do Rosário e Santa Ana no continente; Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Lapa e Nossa Senhora das Necessidades na Ilha de Santa Catarina. Casal (1976) comenta o perfil da população à época, considerando que a população negra e mestiça é pouco numerosa e a maior parte da população indígena também foi sendo absorvida e descaracterizada no processo de colonização.

A paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi o embrião da urbanização em torno da lagoa. Em 19 de junho de 1750, foi fundada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa situada a “uma légua ao oriente da capital, sobre um teso pouco arredado da lagoa grande com vista duma considerável extensão do oceano”, com relação à economia e às atividades comunitárias, a região era “abastada de pescado”, cultivava-se “linho, canas-de-açúcar, mandioca com outros víveres do país” e havia “uma armação de baleias” (CASAL, 1976, p. 94-5).

Não há uma descrição detalhada sobre a implantação inicial do sítio, mas se supõe que tenha sido semelhante às demais povoações, com distribuição das terras entre os agregados, de onde obteriam seus meios de subsistência (CABRAL, 1939, p. 36). A estruturação de ‘núcleos habitados’ à época teve como base as normas eclesiais, que

ordenavam que o assentamento das construções seguisse os moldes da urbanização portuguesa tradicional.

O trabalho de maior significação e abrangência na vida social era a pesca – uma atividade que depende das condicionantes climáticas e, por isso, está diretamente relacionada à natureza. Esta atividade acabava ditando o ritmo da vida social da comunidade.

A preparação para a pesca ocorria nos ranchos ou nas casas, com o tecer e consertar das redes e a limpeza das canoas. Até a segunda metade do século XX estas atividades tiveram muita importância na vida social dos moradores da Lagoa da Conceição.

Era aos dez anos, mais ou menos, que os meninos iniciavam este ofício, participando das atividades complementares à pesca propriamente dita. Só depois desta experiência é que iam para o mar. A transmissão do conhecimento incluía a construção de equipamentos para a pesca, como a bernunça, a tarrafa, as redes e as canoas. Por volta dos 15 anos, já com seus próprios instrumentos, saíam para pescar por conta própria ou integravam a pesca industrial durante o inverno no Rio Grande.

A atividade era desenvolvida coletivamente quando do uso de redes de captura – cerco e arrastão – ou de forma individual, com a pesca do camarão por meio de bernunça ou puçá, ou a pesca de peixes com a utilização da tarrafa. Como os meninos também aprendiam o ofício da lavoura de seus familiares, havia a sazonalidade no trabalho: ora nas roças e engenhos, ora no mar. A comunidade da época vivia de acordo com os ciclos da natureza, com diferentes técnicas de cultivo para cada época. Nos seus engenhos de farinha e de cana dos mais abastados participavam do trabalho tanto homens quanto mulheres, ainda que em tarefas diferenciadas.

### 3.2 A REGIÃO DA LAGOA COMO LUGAR E TERRITÓRIO

O conceito de território designa uma porção de espaço, que é definida por uma relação de poder. Por sua vez, o espaço é entendido como a natureza percebida, ocupada e modificada pelo homem através do tempo, servindo de ambiente para as ações humanas (LISBOA 2008).

Lisboa (2008) destaca que as discussões a respeito da territorialidade permitem a possibilidade de que as relações de poder não necessariamente efetivem áreas de ocupação e controle de determinados agentes. A territorialidade se mantém associada às relações de poder e se apresenta como a tentativa de constituir um território, nem sempre materializável, através de fronteiras bem delimitadas.

O conceito de lugar faz referência a uma realidade de escala local ou regional e pode estar associado a cada indivíduo ou grupo, porque é associado ao sentimento de pertencer e ao sentido de identificação pessoal. O lugar é estabelecido individualmente na parcela geográfica de atuação e interação de cada pessoa, porque essa ocupa um lugar distinto com relação às outras. Mas como espaço de interação continuada entre as pessoas de uma mesma comunidade, o lugar também é intimamente relacionado às ideias e hábitos comuns que, significativamente, participam do acervo sociocultural (LISBOA, 2008).

Por isso, adotando a expressão do historiador Noral, Guimarães (2010, p. 372) destaca os “lugares de memória”, como locais materiais ou mentais que abrigam as memórias pessoais, familiares ou sociais de uma nação. Materialmente, essas memórias são registradas e expressas em monumentos como as igrejas, no sabor do alimento que, durante anos, é produzido com a mesma receita, nos símbolos locais como brasões ou bandeiras ou na persistência resistente de uma colina, de uma árvore centenária e de outros elementos naturais.

Os “lugares de memória” reforçam a identidade pessoal e comunitária, porque suscitam nas pessoas de uma mesma cultura as lembranças de sensações, sentimentos e ideias anteriormente vivenciadas. Esses lugares provocam processos de “revivenciamento”, recuperando na memória as experiências pessoais que foram vividas em meio à coletividade. Isso desenvolve e consolida sentimentos de pertencimento e identidade, a consciência de si mesmos e dos outros que compartilham essas vivências. Para Santaella (2003), a distinção simbólica entre os termos cultura e civilização ocorre porque o primeiro decorre de relações e sentimentos naturais, vividos por pessoas, e o

segundo é diretamente relacionado à condição política da pessoa como cidadão.

Fernandes e Gama (2006, p. 1) assinalam que, como instâncias de poder, os territórios necessitam desenvolver estratégias de afirmação, promoção e mobilização de recursos diversos, procurando atrair e fixar bens, capital humano, recursos financeiros e investimento, porque buscam competitividade no mercado global. Para reunir esses recursos e progredir, há quatro aspectos que, basicamente, orientam o desenvolvimento territorial: (1) vocação; (2) capacidade; (3) características do ambiente; (4) coerência de propósitos. Portanto, na visão territorial é necessário definir critérios de posicionamento e representa-los em um mapa cognitivo, situando no mesmo mapa: os territórios concorrentes, os espaços mais vantajosos, definindo também o posicionamento mais adequado às características locais.

Correia (2010) considera que: (1) há vantagens antropológicas relacionadas as características dos elementos e dos aspectos culturais de territórios ou cidades e, também, (2) há vantagens funcionais que são decorrentes de atividades desenvolvidas e produtos oferecidos em função das oportunidades decorrentes de elementos e aspectos naturais ou culturais do território.

Devido às características naturais e socioculturais do “lugar”, o “território” estruturado em função da Lagoa da Conceição é privilegiado no contexto urbano de Florianópolis: (1) em função de sua riqueza cultural ou antropológica e (2) por causa das vantagens e das ofertas funcionais decorrentes.

Além da população tradicional que, visivelmente, vem perdendo os traços marcantes, há a convivência com cidadãos de todas as partes do mundo. Andando nas ruas, percebe-se que há uma certa convivência em prol da liberdade de escolhas: nas diferentes falas e sotaques; nas diferentes tribos em seus comportamentos e aparência; no fazer, com a exposição e comercialização de diferentes vertentes artísticas.

Primeiramente, a paisagem é um patrimônio típico da região e representa seu maior atrativo. Mas, com o passar do tempo, o fator humano, sociocultural, é observado como o grande diferencial do lugar.

Até meados de 1960, a Freguesia da Lagoa apresentava a particularidade da existência de uma indústria doméstica. Diversos produtos alimentícios (farinha, aguardente, café, pescados etc.) e materiais (cordas, balaios, redes, óleo etc.) que abasteciam a cidade eram

produzidos na Lagoa. Esta era uma localidade basicamente rural, com um sistema econômico ainda voltado para a agricultura de subsistência e a pesca. Atualmente simplesmente encontra-se de tudo na região. Em termos da cultura tradicional, o domínio do mercado, a industrialização da pesca e dos gêneros agrícolas estimulou os trabalhadores a abandonar suas antigas práticas e a se adaptar à vida assalariada.

A partir da década de 1990, a economia local passa a sofrer maior influência da atividade turística, quando suas terras passaram a ser muito valorizadas. A Lagoa que na década anterior vinha se caracterizando como área de expansão residencial do centro da cidade passa a crescer como pólo turístico. Atualmente grande parte da comunidade local vem se adaptando a esta grande demanda residencial, seja através da ampliação de seus imóveis, seja na construção de novas residências visando o aluguel ou na venda de suas terras como fonte de renda. O modelo turístico implantado intensificou as atividades de comércio, serviços e de lazer.

O modelo de desenvolvimento, entretanto, não privilegiou os diversos aspectos da história e da cultura local, voltou-se exclusivamente para a comercialização de terras e para a sazonalidade das temporadas de verão. A pesca artesanal e a pequena agricultura dos antigos colonos açorianos foram aos poucos, sendo substituídas pelos serviços de apoio ao consumo turístico e pela moradia secundária utilizada durante o curto período de verão.

Hoje, a região da Lagoa da Conceição apresenta uma grande diferenciação social; os antigos moradores contrastam com os novos moradores e com suas formas de habitar e de empreender o crescimento da localidade. São diferentes agentes que atuam na expansão urbana do local, seja através da construção de condomínios e murados e controlados; seja nas áreas de autoconstrução, como pequenos aglomerados familiares, que retratam a diferenciação sócio espacial, comum nas sociedades dos países em desenvolvimento.

Percebe-se que a economia influencia diretamente o movimento da paisagem, modificando as relações de trabalho e de convivência em sociedade. Aos poucos, a ocupação da orla da laguna e dos morros vai evidenciando a diferenciação ou a desigualdade social, como característica do modelo de desenvolvimento.

Adotando as ideias do sociólogo alemão Tönnies, Gomes (2012) adverte que há dois sistemas sociais que estruturam um modelo

fundamental de civilização e cultura: (1) o primeiro é de vontade orgânica: quente, afetivo, familiar, de afinidades; (2) o outro é de vontade reflexiva: frio, de mecanismos lógicos e relações formais. Os dois sistemas formam o quadro evolutivo, fundamental da humanidade, caracterizando a passagem da Idade Média para a Modernidade.

No primeiro modelo, cuja base é medieval, constitui-se a “sociedade quente”, em que as relações coletivas são regidas pela tradição, os costumes rigidamente preservados e cobrados pelo próprio grupo social. Os laços são orgânicos e quentes porque são afetivos ou emotivos e espontâneos (GOMES, 2012).

No outro modelo, cuja base é moderna, constitui-se evolutivamente a “sociedade fria”, porque os indivíduos colaboram entre si em diferentes associações, mas são independentes em suas ações, interesses e julgamentos. Os laços sociais são formais e frios, baseados no direito legal e nas relações sociais do espaço político (GOMES, 2012).

Atualmente, no ambiente estruturado pela Lagoa da Conceição convivem relações comunitárias quentes e, também, as interações político-sociais frias. Desde a chegada dos casais de açorianos, foram estabelecidas as típicas relações de vizinhança, em torno das atividades artesanais, da pesca e do cultivo da terra, configurando uma tradicional comunidade autossuficiente e de vontade orgânica. Por sua vez, a ocupação urbana, que evidencia a diferenciação social, é decorrente do desejo de consumo dos aspectos naturais e socioculturais do lugar. É regida pela ordem política, consolidada na ideia de cidadania decorrente do direito à propriedade que, independentemente das afinidades pessoais, assegura a permanência dos proprietários na localidade.

A relação entre condição cidadã e configuração espacial é abordada por Gomes (2012), confirmando a uma matriz territorial no conceito de cidadão, ou seja, há um componente espacial na ideia de cidadania. É assinalado que a democracia começa com a adoção de uma divisão político-territorial, e se enfraquece ou termina pela excessiva fragmentação territorial. Assim, ser cidadão é estar vinculado politicamente a uma porção territorial.

Na região da Lagoa da Conceição, até a década de 1940, não havia luz elétrica, nem ali chegavam produtos industrializados. Poucos automóveis acessavam à região. A paisagem era alterada muito lentamente desde a chegada desses imigrantes.

Os produtos alimentícios (farinha, aguardente, café, pescados etc.) e materiais (cordas, balaios, redes, óleo etc.) que abasteciam a cidade eram produzidos na região, em uma localidade basicamente rural, com um sistema econômico ainda voltado para a agricultura de subsistência e a pesca. O comércio de produtos básicos era restrito a poucas “casas de negócio” e sua comercialização era por peso, dúzia, cacho ou unidade. Os deslocamentos eram feitos a pé, a cavalo ou por carroça.

Essa economia, de caráter familiar, com o tempo foi sendo absorvida por um novo sistema econômico comercial, uma vez que a industrialização dos produtos da fazenda afetou as antigas práticas de subsistência, que passaram a se sujeitar às condições do mercado no modelo capitalista de produção. Isso estimulou os trabalhadores a abandonar suas antigas práticas e a se adaptarem à vida assalariada.

Enfim, as atividades do mercado promoveram a expansão da área residencial, principalmente, através do comércio de terras que se tornou mais rentável do que sua utilização para a agricultura de subsistência ou de pequeno comércio. Os antigos moradores que não dominavam a lógica das relações urbanas, como também deste novo modo de vida, venderam parte de suas terras ou as desmembraram entre a própria família.

Posteriormente, com a supervalorização das áreas próximas ao centro, os antigos moradores foram sendo expulsos e os que ficaram, ou seus filhos, acabaram incorporados em serviços subalternos. Neste processo, grande parte da população nativa passou diretamente do setor primário ou produtivo para o setor de serviços.

Segundo Cabral (2008), a década de 1970 foi caracterizada por ações desenvolvimentistas na Ilha de Santa Catarina, com instalações de instituições como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e as Centrais Elétricas S. A. (Eletrosul). Apesar de relativamente distantes, a instalação dessas instituições provocou também a demanda por imóveis na região da Lagoa da Conceição, decorrendo no rápido declínio da identidade rural do lugar. A partir da década de 1990 a economia local e a vida social foram fortemente influenciadas pela atividade turística. Como polo turístico, as terras do local passaram a ser muito mais valorizadas. Hoje a região é marcada pela expansão urbana, com a construção e a ocupação de condomínios e murados e controlados. Mas, também, há áreas de autoconstrução, com pequenos aglomerados familiares, em comunidades pobres que complementam a diferenciação sócio espacial, que é comum nos países em desenvolvimento.

Atualmente, a região ainda não é caracterizada por uma arquitetura predominantemente verticalizada. Assim, embora haja uma forte campanha das empresas ligadas ao setor construtivo e imobiliário, as edificações permitidas em algumas áreas da região, no máximo, podem ter três pavimentos. Culturalmente, a região é efervescente, há praias e outras áreas com a ocorrência de muitas atividades esportivas e de lazer, além de lojas de moda e artesanato, cafés, bistrôs e diversos bares noturnos, que reúnem diferentes tribos urbanas, além de representantes da população tradicional.

Os “forasteiros” também são atraídos pela reunião de uma comunidade mais alternativa que, inclusive, possibilita a prestação de serviços diversos, comuns ou alternativos, materiais ou espirituais. Isso inclui as atividades de criação artística e, por isso, a região reúne grande número de artesãos, músicos, grafiteiros e outros poetas.

Trata-se de um dos lugares mais significativos de Florianópolis, porque é afetivamente relacionado à memória coletiva da cidade, sendo ricamente ocupado por um conjunto variado de alternativas culturais, as quais demarcam diferentes momentos e práticas socioculturais diferenciadas. “Os lugares são parte do imaginário coletivo das pessoas” (CASTELLO, 2007, p. 203). Assim, a região da Lagoa da Conceição (Fig. 18) manifesta as qualidades mais relevantes para as atividades da área de Geografia Humanística, que considera indissociáveis os fenômenos físicos, fisiológicos e psicológicos, integrados aos aspectos objetivos e subjetivos, no âmbito natural, sociocultural e pessoal, porque tudo isso constitui os “lugares ideológicos” (BOMFIM, 2009).



Figura 19: Vista parcial da região Lagoa da Conceição.

Fonte: Imagem da autora.

#### 4 ATLAS SUBJETIVO: VIVÊNCIAS, PESSOAS E IMAGENS

O processo caminhante, com vivências em movimento de deriva, como foi proposta na poética situacionista (DEBORD, 2003) é coerente com os pressupostos gerais da pesquisa qualitativa fenomenológica. Por isso, caminhar, interagir e conversar no ambiente natural e na localidade sociocultural da região Lagoa da Conceição foram os recursos usados na pesquisa realizada.

É necessário reafirmar que o fenômeno humano em estudo foi predominantemente representado pela visão subjetiva da pesquisadora, porque o foco do trabalho é poético e privilegia o modo particular como o fenômeno foi vivenciado pela pesquisadora em interação com o lugar e os sujeitos colaboradores. Por isso, o ritmo da narrativa é poético e deve predominar sobre o detalhamento ou a quantificação de informações.

A ideia básica para o Atlas Subjetivo é representar as percepções humanas sobre o local. De maneira recorrente isso é realizado por meio de imagens, como foi evidenciado nos modelos anteriormente propostos. Mas, além de textos escritos ou imagens de escrituras previamente realizadas, todos os diálogos com as pessoas e, especialmente, com os sujeitos colaboradores devem influenciar diretamente no atlas produzido.

Na fase exploratória, começando o processo de pesquisa, foram sendo levantados e selecionados os sujeitos colaboradores. Mas, foi necessário conviver com indisposições pessoais ou impossibilidades por motivos de viagem, entre outras dificuldades. A colaboração deveria ser voluntária e, além da disposição pessoal também é necessário que se disponha de tempo entre os afazeres cotidianos. Enfim, foram especialmente efetivadas a participação de nove sujeitos colaboradores, os quais representaram os personagens do atlas: um “cineasta”; uma “artesã”; um “pescador antropólogo”; um “ambientalista”; duas “rendeiras”; dois “comerciários” e um “artista”.

Desde o início, entre os selecionados e os colaboradores, havia moradores tradicionais de famílias com ascendência açoriana, sendo que algumas dessas já ocupavam a região desde o primeiro fluxo migratório, no século XVIII. Mas, também, havia “forasteiros”, ou seja, pessoas advindas de outras regiões. Em sua maioria, essas pessoas fizeram uma opção emocional por morar ou trabalhar no lugar.

É oportuno ressaltar e agradecer a efetiva participação dos colaboradores que subsidiaram esta pesquisa com imagens, palavras e

ideias, compartilhando seu tempo, seu lugar e, muitas vezes, oferecendo companhia, café e alimento para refeições conjuntas.

Algumas pessoas foram abordadas e cooptadas como personagens do atlas durante as caminhadas nas ruas da região e outras permitiram a troca de informações, ideias e impressões durante breves conversas. Houve pessoas que não se sentiram à vontade ou não dispunham de tempo para conversar, enquanto outras se mostraram interessadas e abertas à troca de informações.

De maneira mais colaborativa que, além das conversas, propiciou a coleta de material ou a realização das entrevistas, houve 14 sujeitos colaboradores, sendo que, entre esses, nove participaram como personagens do atlas subjetivo.

#### 4.1 O CINEASTA

Dotado de grande carisma como personagem, desde o início, o colaborador mostrou-se muito interessado e atencioso. Sua faixa etária é próxima aos 50 anos de idade, é ligado às atividades cinematográficas e trabalha como profissional liberal e mora na região desde o início da década de 1990. Juntamente com sua família, ele ocupa uma residência, do tipo casa, em um condomínio fechado que, urbanisticamente, não dialoga muito com o lugar.

Trata-se de um personagem politizado e culturalmente ativo, porque participa e promove encontros na comunidade. Por perambular constantemente pela área central do bairro e ser comunicativo, conhece e interage com muitos moradores, comerciantes e artistas locais.

Na conversa de apresentação da pesquisa, logo quis interferir e propor linhas de observação para a pesquisadora. Durante a entrevista houve a promessa de enviar por escrito suas impressões sobre a região, mas isso não ocorreu. Todavia, a conversa foi compartilhada com outras pessoas do sexo feminino e ligadas à família, inclusive, uma dessas é arquiteta e projetou a moradia onde ocorreu a entrevista.



Figura 20: Imagens do universo do cineasta.

Fonte: Imagens da autora e do cineasta na mídia.

O universo ideológico do personagem e das outras pessoas ligadas à casa é característico dos cidadãos civilizados que, ao adquirirem uma propriedade, conquistam o direito legal e civil de se fixar no “território”.

Desde o início, entretanto, esses cidadãos foram afetivamente tocados pelos valores culturais remanescentes do “lugar”, interessando-se por seu patrimônio histórico, pelo sistema artístico-cultural em processo e, também, por outros tipos forasteiros, que foram igualmente atraídos pela paisagem e a cultura local.

Por exemplo, houve um relato dos cidadãos presentes na entrevista sobre outros moradores tradicionais ou forasteiros, que não dominam a leitura e a escrita. Esse conhecimento surpreendente foi adquirido em consequência das dificuldades na interação entre os moradores no contexto de influência da Igreja Católica local.

## 4.2 A ARTESÃ

A personagem é moradora tradicional da região do “centrinho”, mais especificamente, na orla da lagoa em frente aos trapiches e ao terminal dos barcos que fazem a ligação para a Costa da Lagoa.

De sua casa, a artesã de 67 anos avista também a ponte, as dunas e a Avenida das Rendeiras. Apesar de relutar em informar a idade, durante a entrevista, a personagem mostrou-se alegre, cooperativa e com uma visão histórica interessante. Entre outras atividades, é também professora de artesanato, ensinando técnicas de bordado e um pouco de crochê em oficinas da Fundação Cultural da Cidade, que acontecem na edificação histórica conhecida como Casarão da Lagoa.

A artesã não tem filhos, mas faz parte de uma família tradicional da região e informou que é muito ligada à família composta, entre outros, por comerciantes locais, sendo alguns donos de restaurantes. Em sua fala, foram recorrentes as referências a um político local, que também é seu parente e já foi prefeito da cidade, sendo considerado por ela uma personalidade política que se interessa e trabalha em prol da região.

A indicação da artesã, como colabora da pesquisa, foi feita por sua sobrinha, que é engenheira, e também mora na região, algumas ruas mais acima, nas proximidades da igreja e do posto de saúde. Assim, a entrevista foi presenciada e compartilhada com essa pessoa, que ajudou a recuperar e também comentou as informações propostas por sua tia artesã.

Em sua casa, no momento anterior à entrevista, a artesã recortava selos promocionais de um jornal para, mais tarde, trocar por utensílios domésticos. Na conversa, falou sobre a infância e o aprendizado do seu ofício, que foi incentivado e ensinado por sua mãe.

Desde seu nascimento, a artesã morou na mesma casa e, durante toda sua vida, acompanhou as transformações do lugar, desde a época em que o acesso à avenida era feito por uma ponte de madeira. Além das recordações, também, foram apresentadas fotografias de antigas edificações que, por serem também situadas ao longo da orla, foram ou ainda são habitadas por amigos ou familiares. Cada imagem suscitou lembranças de pessoas e situações, as quais foram temas da conversa.

A linguagem expressa na fala da artesã foi bem elaborada, apesar da verbalização típica e acelerada do sotaque ilhéu, “manezinho”. De modo característico e corriqueiro, sem conotação preconceituosa, alguns tipos urbanos foram identificados como: pretinho, louquinha e tortinha, entre outros, assinalando referências próprias do “lugar”, desde tempos mais antigos.

Apesar de informar que estudou até o terceiro ano escolar, a artesã se declarou “analfabeta”. Contudo, seu relato sobre a atual situação urbana se mostrou lúcido e consequente. De maneira quase infantil, apresentou uma queixa contra a permissão de construções de mais de dois andares na região, condenou especialmente os blocos de apartamentos, que também multiplicam o número de automóveis em circulação.

Com saudosismo, a personagem relatou a fartura na época de sua infância e juventude. O pai era dono de “venda” e, por isso, além de experimentar a fartura, também acompanhou o trânsito de mercadorias e compradores, lembrando ainda que se levavam os cavalos até o centro da cidade, no lugar onde ajustavam ferraduras. Para a artesã, antigamente as pessoas interagiam mais, em visitas ou encontros, para troca de informações e auxílio mútuo, porque todos se conheciam e se ajudavam.

Ao contrário do poder e da fria ordenação proposta pelo modelo civilizatório e territorial, a personagem artesã ainda interage organicamente com o que foi aquecido pela cultura do lugar. Isso é especificamente exemplificado nas denominações dos tipos urbanos que, no estágio atual do modelo civilizatório, são comumente e friamente condenadas sem previa avaliação de seus sentidos positivos ou negativos.



Figura 21: Imagens do universo da artesã.

Fonte: Imagens da autora.

#### 4.3 O PESCADOR ANTROPÓLOGO

Esse foi o personagem mais colaborativo, cuja participação foi compartilhada com sua esposa. Assim, o casal jovial, cuja faixa etária é 50 anos, participou de uma entrevista desenvolvida em duas visitas. Nas ocasiões, houve acessos a imagens relacionadas com o personagem e também com seus estudos.

A história do pescador antropólogo é, em parte, decorrente de sua família ser de pescadores tradicionais. Atualmente, alguns de seus irmãos atuam no ramo de turismo e outros são comerciantes, incluindo donos de restaurantes. Durante uma pescaria, o personagem observou que uma inscrição rupestre estava realçada com marcas de giz e ficou sabendo que isso era decorrência de um estudo.

Depois disso, as inscrições rupestres passaram a ser objetos de seu interesse e, por conta própria, ele começou a realizar o levantamento dessas inscrições que, curiosamente, pareciam estar relacionadas entre

si. Assim, extraoficialmente, iniciou seus estudos arqueoastronômicos, sobre sua região de origem. Disso também decorreu a percepção dos alinhamentos das pedras, que são relacionados aos ciclos astronômicos: solstícios; equinócios; nascentes ou poentes do sol, da lua e de constelações.

Paralelamente, o personagem também se graduou e especializou-se no ensino formal. Mas, para tornar a história mais interessante às áreas de Cartografia Emocional e Psicogeografia, seus estudos ainda não são completamente aceitos pela academia.

O seu trabalho, contudo, é reconhecido, especialmente fora do país, sendo que isso lhe serviu de estímulo para criar um instituto voltado aos estudos do patrimônio rupestre, como os petróglifos e as oficinas líticas, objetos de estudo característico da área de Arqueoastronomia, que também considera aspectos e movimentos místicos.

Nos últimos anos, é sua esposa que administra a sede do instituto, situada próxima à orla do canal da Barra da Lagoa, na base do morro que leva à praia da Galheta. O casal desenvolve estudos de campo, registrando suas descobertas, também produz reproduções das inscrições como estampas para os produtos que são comercializados na loja da sede.

Para esse personagem, assim como em outros lugares, os monumentos megalíticos encontrados na região são parte do legado de antepassados ainda desconhecidos. Pela datação, não há como associá-los a indígenas, ao *Homem de sambaqui* ou a outras populações que habitaram a região. Porém, há esses registros que requerem estudos e decifração, inclusive, porque sugere relações com o sagrado, que foram estabelecidas na região da Lagoa da Conceição.

O pescador antropólogo considerou ser de grande riqueza cultural a diversidade de pessoas que, atualmente, residem e circulam na região. Também, considerou que o aspecto positivo da queda nas atividades de cultivo da terra e a oportunidade de recuperação da natureza, especialmente nas áreas de encostas.

Como aspectos negativos, considerou que as plantações de *pinus elliottis* na região são desastrosas. Também, lamentou a falta de visão do poder público, especialmente, com relação ao patrimônio anteriormente construído, como o descaso com os engenhos antigos, os quais deveriam ser restaurados. A especulação imobiliária também foi alvo de suas

críticas, apesar de achar que, de alguma forma ela é necessária, porque as pessoas precisam se estabelecer.

Sua admiração foi especialmente destinada aos povos antigos, como o *Homem de sambaqui*, que viveu nesta região litorânea por mais de cinco mil anos, em provável harmonia com a natureza, porque não há vestígios de terem causados impactos negativos. Os sambaquis que foram descobertos são preciosos registros de sua existência que, segundo o pescador antropólogo, os homens atuais não souberam aproveitar.

O encontro do personagem pescador com sua vocação antropológica exemplifica as possibilidades positivas de renovação e enriquecimento da cultura local, em interação com elementos e sujeitos de outros nichos culturais. Foi salientado em seu relato que as marcas de giz sobre as inscrições rupestres, realizadas por outro estudioso, despertaram primeiramente seu interesse pela área de Arqueologia que, posteriormente, foi associada pelas evidências à área de Astronomia.



Figura 22: Imagens do universo do pescador antropólogo.

Fonte: Imagens da autora.

#### 4.4 O AMBIENTALISTA

Morador do ‘centrinho’ da Lagoa da Conceição desde que nasceu, e de família tradicional local, este personagem tem o perfil do rebelde em relação à visão provinciana da sua comunidade original. Atualmente na faixa dos 50 anos, vive com a esposa e três filhas em um sobrado cercado por um denso jardim com ervas e diversas espécies de plantas, especialmente as curativas, que são de maior interesse.

Biólogo aposentado, sua rotina ainda é bastante atribulada por conta dos cursos que ministra na área de Botânica e do uso de ervas medicinais. Por isso, viaja constantemente, especialmente para o interior do estado.

O ambientalista é conhecido na comunidade por ser polêmico e se posicionar na contracorrente do fluxo “civilizatório”. À época de sua juventude, foi um dos poucos a estudar e formar-se no ensino superior, porque naquele tempo isso não era a valorizado na cultura da região. Também se tornou figura *non grata* para alguns locais, inclusive parentes seus, por denunciar crimes ambientais.

Para ele, a região da Lagoa da Conceição tem uma “energia” especial. Se várias tribos indígenas viviam aqui, é porque essa região é boa. Não é à toa que ele se tornou um contador de histórias, pois, há muito que ser contado e, de forma lúdica, passado para outras gerações.

Quanto ao ambiente, a lagoa deixou de ser objeto de interação biológica para se tornar um espaço de lazer. Apesar da sujeira e da poluição, ali se reúnem os praticantes de esportes náuticos eventuais. As canoas e baleeiras, de percurso lento, mais orientado ao ritmo da vida e à apreciação da paisagem, foram substituídas por *jetskis* e lanchas de alta potência.

Sua percepção sobre as transformações na região implica na observação do que ele chama de “perda da humanização”. Apesar de viver bem com sua família, considera que a grande família comunitária está desagregada, porque antes havia mais solidariedade entre as pessoas.

Hoje, o ambientalista diz que se assusta com a velocidade da mudança: ele “curtiá” o sapinho na lagoa, os macacos brincando nas árvores, as histórias sobre bruxas e estava lá quando chegou a energia elétrica, quando surgiu a meia-calça de *nylon*, quando a primeira mulher da região usou calças.

Agora ele constata o que chama de “grande invasão bárbara”, que acontece por conta da propaganda do local que é feita no mundo inteiro. Todos querem vir morar aqui, ou pelo menos já quiseram, e muitos vieram. Mas, para ele, a qualidade de vida foi perdida e chega mesmo a dizer: “eu era feliz e não sabia”, ainda que não tivéssemos papel higiênico, água encanada ou produtos industrializados. “A felicidade está na simplicidade”, complementou.

Além de lamentar as agressões à natureza, o discurso do personagem também evidencia a perda do “lugar”. Essa perda é assinalada na descaracterização da “cultura” local que, inclusive, é apontada nos supostos benefícios da oferta de energia e papel higiênico, entre outros itens de consumo. Na visão apresentada pelo personagem, a cultura preexistente no lugar não conseguiu compor de maneira conciliatória o processo territorial e civilizatório e a preservação socioambiental.



Figura 23: Imagens do universo do ambientalista.

Fonte: Imagens da autora.

#### 4.5 AS RENDEIRAS

Essas personagens foram ouvidas em momentos distintos, nos respectivos pontos de venda de sua produção de renda. Ambas se encontram na faixa de 60 anos de idade. Inicialmente, cada uma se mostrou igualmente desconfiada e, posteriormente, depois de se mostrarem mais à vontade, as duas falaram pouco, como se temessem dizer algo comprometedor ou, simplesmente, estivessem cansadas.

Com visões muito parecidas, evidenciaram sua carência por meio de observações diretamente relacionadas aos ganhos e perdas de seus negócios, sem considerarem questões mais gerais ou sociais. Um ponto em comum é que as duas gostariam que a Avenida das Rendeiras não fosse duplicada, mas, também, necessitam de espaços de estacionamento para facilitar o acesso de turistas às suas lojas.

Ao invés de ser uma vantagem, a intensificação do tráfego em frente às lojas dificulta o comércio, porque dificulta as condições dos eventuais compradores de parar e estacionar seus automóveis, dificultando também o acesso público aos estabelecimentos dispostos ao longo da avenida. Por isso, é que as rendeiras indicam ser necessárias as áreas de estacionamento.

Quanto às mudanças na paisagem, as duas rendeiras apresentaram discursos parecidos, manifestando preocupação em serem politicamente corretas e coerentes com sua função de comerciantes. Assim, disseram que os moradores que vêm “de fora” não incomodavam porque, ao final das contas, esses vieram em resposta à oferta de imóveis que foi feita pela gente do lugar.

No discurso das rendeiras sobre os “de fora” reaparecem as diferenças entre as ordenações respectivamente “quente” e “fria” do “lugar” e do “território”, revelando o processo civilizatório que interrompeu a passagem da posse por herança pela compra imobiliária.



Figura 24: Imagens do universo das rendeiras.

Fonte: Imagens da autora.

#### 4.6 OS COMERCIÁRIOS

De modo semelhante ao ocorrido nas entrevistas com as rendeiras, os comerciários também foram contatados durante o ‘caminhar’. Entre os comerciários abordados, alguns que trabalhavam com alugéis de equipamentos náuticos, educadamente, recusaram-se a conversar, com breves justificativas.

Os comerciários colaboradores foram: (1) o vendedor de uma loja de produtos de renda e outros artigos de vestuário; (2) a vendedora de uma loja de produtos diversos, especialmente *souvenires* artesanais.

A loja em que trabalha o comerciário é localizada entre as dunas e a Avenida das Rendeiras. Depois de contatado, o colaborador mostrou-se entusiasmado com o encontro, inclusive, solicitou a máquina fotográfica para fazer seus próprios registros visuais de artigos da loja e elementos arquitetônicos e paisagísticos.

Na conversa, o comerciário, que é nativo da região, esteve interessado em falar de si mesmo, contar de sua vida em outras cidades

onde morou, enfocando seus relacionamentos e suas conquistas pessoais e profissionais. Também, evidenciou ter capacidade para interpretar a realidade de maneira coerente e declarou ser apaixonado pela região. Enfim, argumentou que não consegue mais viver em outro lugar e, atualmente, não necessita ir a outras localidades da cidade, porque “tem de tudo” na região.

Para quem está vindo do centro da capital, a loja em que trabalha a comerciária é localizada no morro de acesso à Lagoa da Conceição. O estabelecimento é uma parada turística importante, porque fica situada entre locais que servem de mirantes para turistas e outros interessados em contemplar a lagoa como essa é vista do alto.

Na conversa, a comerciária, que é paulista, contou que ainda era criança na primeira vez que visitou Florianópolis com seus pais, mas que não se recordava disso com clareza. Já adulta, voltou à Ilha de Santa Catarina com amigos e aqui permaneceu. Atualmente, está na faixa dos 50, mantendo-se aqui com dificuldades, morando em uma pousada. Os entes queridos e bens de toda a “sua vida” estão em sua cidade natal, pois lá dispõe de moradia e família.

Quanto ao trato com os turistas, considera que não é sempre que esses sabem onde estão, às vezes, alguns lhe perguntam onde estão e manifestam dúvidas diante das respostas. Enfim, disse apreciar a natureza e, por isso, realiza muitas fotografias usando o seu telefone celular. Todavia, não enviou pela rede Internet as imagens que prometeu repassar.

Os dois comerciários, apesar de estarem fixos na região, mostraram-se nômades e individualizados. Portanto, afastados da cultura do lugar e integrados na ordenação dos territórios. Ao contrário de outros nativos, que trocariam certos confortos do consumo pelo retorno aos valores mais antigos, o comerciário afirmou seu contentamento com o fato de ter acesso a tudo na própria região.



Figura 25: Imagens do universo dos comerciários.

Fonte: Imagens da autora.

#### 4.7 O ARTISTA

Na faixa dos 50 anos, o personagem artista é multimídia, atuando com música, poesia e artes plásticas. Seu ateliê de trabalho é situado ao lado de sua casa, no morro entre Praia Mole e a Barra da Lagoa, em meio a densa vegetação nativa que lhe impede a vista da lagoa. Para acessar sua moradia, é necessário que o caminhante percorra uma trilha em meio à mata, sendo desafiado por lama e pedras com muito limo.

A conversa com o artista foi muito estimulante, configurando uma visão de mundo ampla e cortês. Foi apresentada sua visão sobre todas as mudanças decorrentes do processo de desenvolvimento da região. O artista afirmou que, por opção, recusa-se a possuir bens como automóvel e telefone ou usar serviços de acesso à rede Internet. Por isso, usa a bicicleta como transporte para suas compras, alegando que aprecia a simplicidade.

Foi observado que tanto o ateliê quanto a casa do artista são repletos de obras e, também, de objetos e materiais que são recolhidos das ruas para serem reciclados no seu trabalho. Inclusive, há materiais que coletados no descarte de outras cidades em momentos de visita.

Como artista, mostrou-se receptivo e empolgado com a ideia de um Atlas Subjetivo. Como nativo da região, reclamou da discriminação que observa com relação aos artistas locais. Isso foi ressaltado em comparação ao tratamento privilegiado que é dispensado aos “de fora”, que são pagos para virem se apresentar na cidade, enquanto os artistas locais devem se apresentar gratuitamente.

O artista considerou a região da Lagoa da Conceição um lugar sagrado e fundamental, no centro da Ilha de Santa Catarina. Entretanto, lamenta a intervenção abusiva do ser humano nesse ambiente.

Especialmente pelo abuso ao ambiente, o artista criticou os políticos locais, principalmente, o que já foi prefeito da cidade. Lamenta também o descaso com o patrimônio cultural, que permitiu a retirada da porta original e do reboco feito com óleo de baleia das paredes da igreja. O personagem artista assinalou que sua maior indignação é a falta de interesse das pessoas estudadas e autoridades que teimam em não perceber tudo isso que mesmo uma pessoa sem estudo, como ele, pode enxergar. Por isso, questiona também a formação que é oferecida nas universidades.

Considerou também que, anteriormente, os moradores da região eram autossuficientes no atendimento de suas necessidades. Produziam sua farinha no pilão e no engenho, fabricavam seu próprio sabão, plantavam e colhiam produtos que, hoje, devem ser comprados de terceiros, pagando-se caro para sobreviver.

O artista criticou o consumismo no modo de vida contemporâneo, que provoca a aquisição de coisas inúteis, como “prostituição do dinheiro”. Enfim, refletindo sobre a escassez de espaços culturais, diante da proliferação dos restaurantes enfileirados ao longo da orla, pergunta a si mesmo: “cadê a cultura?”.

Criticou também os recursos psicológicos usados pelas religiões. Mas, valorizou o lado místico da natureza e sobre a mitologia regional relatou que “não há filme de *Hollywood* que consiga transmitir a mesma emoção”. Assim, destacou o valor das histórias de bruxas e enalteceu o trabalho das benzedadeiras. Em suas palavras, “nenhuma música vai mexer tanto comigo quanto o Terno de Reis! Não há CD de banda estrangeira famosa que chegue perto!”.

Mais uma vez, lamentou que tudo isso está se perdendo em meio às transformações da região que, segundo o personagem, provocou a padronização do pensamento coletivo em busca do dinheiro e do lucro

descabido. Diante disso, além de educação também falta investir mais na vida espiritual da humanidade.

Enfim, o personagem artista é um defensor orgânico da cultura do “lugar” e um ideólogo contra o esfriamento da vida em decorrência do processo civilizatório em contínuo processo de territorialização da região.



Figura 26: Imagens do universo do artista.

Fonte: Imagens da autora.

## 5 CONCLUINDO COM MAPAS DO ATLAS VISUAL

O atlas subjetivo decorre da reunião de mapas psicológicos e afetivos, considerados nas áreas de Cartografia Emocional e Psicogeografia. Além de materiais e recursos objetivos, sua produção depende também de aspectos subjetivos e intersubjetivos.

Apesar de serem dispensáveis na percepção e na fruição dos mapas e do atlas, os pressupostos teóricos e os relatos apresentados nos itens anteriores deste texto, entretanto, servem aos leitores interessados nos processos de concepção e produção do atlas. Considera-se que, seguindo o percurso teórico e tendo consciência dos relatos, os leitores podem avaliar, de maneira afetiva e subjetiva, a coerência poética ou estética dos mapas em função da teoria estudada e da realidade vivenciada.

Como foi observado, assim como praticamente todos os lugares do mundo em processo de “desenvolvimento”, a região da Lagoa da Conceição em Florianópolis, SC, é constantemente transformada pelo processo civilizatório. De acordo com os estudos realizados, trata-se de um processo “frio”, formal ou legalista, que provoca a territorialização do lugar, transformando-o em “território”, que é espaço de poder e contraste social, sendo regido pelo dinheiro, pela propriedade e por relações de compra e consumo.

A região da Lagoa da Conceição, entretanto, continua sendo percebida como um “lugar” mágico, por seu ambiente natural e porque o universo cultural ainda preservar fortes resquícios mítico-poéticos da tradição açoriana. Atualmente, mesmo de maneira diversa da tradição, os resquícios mítico-poéticos são reforçados por pensamentos, atitudes e práticas artísticas, mágico-religiosas ou econômicas, que são socialmente alternativas.

O acervo mítico-poético justifica a percepção do sentido de mágico ou sagrado, que provoca as diversas indicações da região como santuário. As impressões, as ideias e as atividades, que são motivadas pela insólita presença desse acervo, atraem diferentes poetas e outros “forasteiros” que, beneficiando-se do processo de territorialização e por meio da aquisição imobiliária, conquistam seu direito de moradia, inclusive, em fortalezas habitacionais que, anteriormente, eram desconhecidas na região.

Os personagens colaboradores ajudaram a contar histórias e demarcar espaços físicos e imaginários, que foram constituídos entre

desejos, lembranças, imaginações, impressões, convicções, saudosismos e lamentações. Na conversa com os personagens prevaleceu o sentido mítico-poético, porque sua maioria foi composta por colaboradores nativos e, ainda, organicamente afetados pelas reminiscências e os resquícios da cultura “quente” do lugar.

Os colaboradores “forasteiros” e o personagem comerciário, que revive a sina do “filho pródigo”, também foram atraídos pelo estatuto mítico-poético do lugar. Portanto, a estética dos mapas componentes deste atlas foi desenvolvida para expressar o sentido imaginário, idílico, e mítico-poético do “lugar”.

Tratou-se de uma pesquisa por conteúdos estético-simbólicos, cuja finalidade é promover sensações, sentimentos, impressões e vivências subjetivas. Devido às suas qualidades visuais, esses conteúdos configuram afetivamente o “lugar”, provocando os gostos e o imaginário dos observadores.

Isso caracteriza o atlas subjetivo (Fig. 31) como um produto diferenciado, com relação aos tradicionais pressupostos de Design que, historicamente, privilegiou a função prática ou informativa dos produtos, primando pela Ergonomia em todos os sentidos: funcional, visual e cognitivo, e subjugando a estética aos objetivos práticos ou simbólicos.

Não há também a preocupação de apresentar os resultados visuais como um projeto de Design para um produto de comunicação gráfica, seja em formato de folder ou caderno de mapas, impresso ou digital, porque isso implicaria em estudos e atividades outras, como diagramação, *layout* e definição de recursos técnicos relacionados aos processos de projeção e desenvolvimento de produtos de comunicação. Tal apresentação, inclusive, iria requerer mais uma pesquisa que, provavelmente, justificaria a elaboração de outra dissertação de mestrado.



Figura 27: Mapa subjetivo da região da Lagoa da Conceição, montagem.

Fonte: Criação da autora.



Figura 28: Mapa subjetivo da região da Lagoa da Conceição, montagem.

Fonte: Criação da autora.

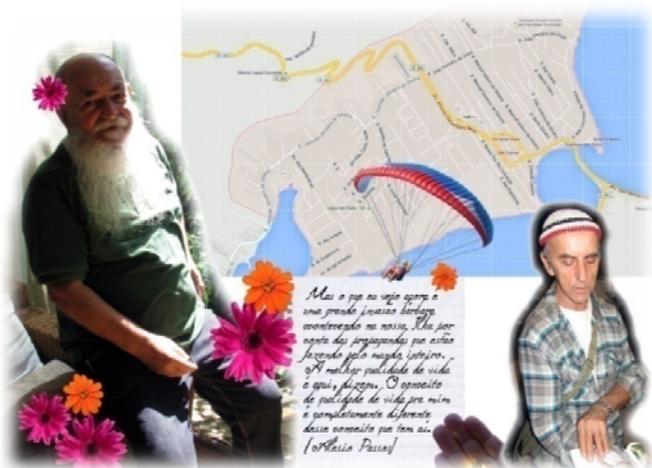


Figura 29: Mapa subjetivo da região da Lagoa da Conceição, montagem.

Fonte: Criação da autora.



Figura 30: Mapa subjetivo da região da Lagoa da Conceição, montagem.

Fonte: Criação da autora.



## 6 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se ter contribuído não somente com conhecimento teórico sobre as estratégias de comunicação dentro do design, mas também com recursos práticos destinados à construção de documentos visuais. De outra forma, os resultados obtidos podem fornecer subsídios ao conceito de mapas subjetivos como forma de conhecimento. Supõe-se, por decorrência, que esses resultados possam contribuir para outras áreas de estudo, como às relacionadas às ciências sociais e ao comportamento. Note-se que o resultado desse estudo, na forma de modelo experimental, também pretende ser agente transformador social.

Das pesquisas realizadas até o momento, percebe-se que há um amplo material sobre percepção não direcionado às pesquisas relacionadas ao ambiente. Com a facilidade de acesso dos sistemas web e a possibilidade de desenvolvimento de ações colaborativas, há um processo sutil de criação de ações voltadas à cartografia urbana, especialmente ligadas a iniciativas artísticas.

A ideia de criar um roteiro para a elaboração de um atlas subjetivo, usando como área de estudo a Lagoa da Conceição evoca que a pesquisa siga nessa direção, alinhando-se aos estudos sobre a localidade – sua paisagem, história, cultura etc. Este caminho está iniciado.

Assim, verifica-se a necessidade da evolução destas pesquisas para que os agentes participantes possam ser identificados. Observa-se que a natureza do lugar pesquisado é pitoresca e, portanto, pode ser rica em caracterizações. Um levantamento de imagens da área na internet já permitiu alguns direcionamentos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daylton; Henning, Flávio; Freitas, Hugo. **Place branding: estratégia para a construção e gestão da marca-país e ascensão de países emergentes**. São Paulo: monografia de especialização em Gestão de Marcas, Faculdades Integradas Rio Branco, 2008.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. **Cartografar é habitar um território existencial**. Cap. 7. P. 131-149 in PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

AUGUSTO, Leci; LUCENA, Tiago Franklin R. **Geo(grafismos) afetivos: sistemas de informação geográfica e Arte**. Florianópolis: UDESC/UFSC, V Simpósio Nacional ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2011. 17 p.

AULETE, iDicionário. **Psicogeografia** – conceito. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/Psicogeografia>>, acessado em 13 de agosto de 2013.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2002. 319 p.

AZEVEDO, Maria Thereza. **Passeio de sombrinhas: poéticas urbanas, subjetividades contemporâneas e modos de estar na cidade**. Agenda Social, Campos dos Goytacazes, v. 7, n. 2, p.140-146, 1 jul. 2013. Semestral. Disponível em: <[http://revistaagendasocial.com.br/files/journals/Revistas/REVISTA\\_AGENDA\\_SOCIAL\\_V7\\_N2\\_2013\\_FINAL.pdf](http://revistaagendasocial.com.br/files/journals/Revistas/REVISTA_AGENDA_SOCIAL_V7_N2_2013_FINAL.pdf)>. Acesso em: 1 out. 2015.

BAITY, Michael; LONGLEY, Paul. **Fractal cities: a Geometry of Form and Function**. London: Academic Press, 1994. 432 p. Disponível em: <[fractalcities.org](http://fractalcities.org)>. Acesso em: 09 abr. 2015.

BAKER, Bill. **Seriously, Is This Really The Greatest Place to Live, Work and Play?** Artigo para o blog *Small City Branding Around the World*. Disponível em <<http://citybranding.typepad.com/city-branding/2013/07/seriously-is-this-really-the-greatest-place-to-live-work-and-play-.html>>, acessado em 04 de outubro de 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

BOMFIM, Natanael Reis. **Noção social do território**: a territorialidade. Ilhéus: Editus, 2009. 101 p.

BULHÕES, Maria Amélia. **Web arte e poéticas do território**. Porto Alegre: Zouk, 2011. 202 p.

CABRAL, Marcelo Cabral. **Lagoa da Conceição**: a metamorfose de uma paisagem. Florianópolis: dissertação de mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, PGAU, UFSC, 2008.

CAÑAS, Dionisio. **El poeta y laciudad**: Nueva York y los escritos hispanos. Madrid: Catedra Critica y Estudios Literarios, 1994. 196 p.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. 192 p.

CASTELLO, Lineu. **A percepção de lugar**: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007. 328 p.

CASTRO, José Roberto. **Cidade de São Paulo tem marca avaliada em R\$ 233,5 bi, mostra estudo**. Artigo para o jornal O Estado de São Paulo de 29 de agosto de 2013. Disponível em <<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,cidade-de-sao-paulo-tem-marca-avaliada-em-r-2335-bi-mostra-estudo,163297,0.htm>>, acessada em 02 de outubro de 2013.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: da UFSC, 2007. 458 p.

CORREIA, Marta Margarida. **Capitais europeias da cultura como estratégia de desenvolvimento**: o caso de Guimarães 2012. Coimbra: dissertação de mestrado em Cidades e Culturas Urbanas, Faculdade de Economia da Cidade de Coimbra, 2010. Disponível em <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/14454>>, acessada em 02 de outubro de 2013.

COVERLEY, Merlin. **Psychogeography**. Hertfordshire: Pocket Essentials, 2006. 158 p.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: 70, 2008. 208 p.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 3. ed. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003. 140 p.

\_\_\_\_\_, Guy E. **Introdução a uma crítica da geografia urbana.** Leslévresnues, nº 6 (jornal surrealista belga). Bruxelas: setembro, 1955.

DIAS, Juliana Michaello M. **‘O grande jogo do porvir’:** a Internacional Situacionista e a ideia de jogo urbano. Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 210-222, ago. 2007.

EEROLA, Toni T. **A Psicogeografia no ensino de geociências no espaço construído:** experiências nos shopping centers da Grande Florianópolis. Geosul, Florianópolis, v. 19, n. 37, p 135-156, jan./jun. 2004.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. **O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica.** Cap. 5. P. 92-108 in PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

FAIRBAIRN, David. **Rejecting illusionism:** transforming space into maps and into art. P. 23-34 in CARTWRIGHT, William; GARTNER, Georg; LEHN, Antje (Ed.). *Cartography and Art.* Verlag Berlin Heidelberg: Springer, 2009. 385 p. (Lecture Notes in Geoinformation and Cartography).

FERNANDES, Ricardo; GAMA, Rui. **As cidades e territórios do conhecimento na ótica do desenvolvimento e do marketing territorial.** Viseu: Anais do Colóquio da Associação Portuguesa de Desenvolvimento Regional, 2006.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Design em espaços.** São Paulo: Rosari, 2002. 190 p. (TextosDesign).

FERREIRA, Conceição Coelho; SIMÕES, Natércia Neves. **A Evolução do Pensamento Geográfico.** Lisboa: Gradiva, 1994.

FRAGA, Nilson Cesar (org). **Territórios e fronteiras:** (re)arranjos e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2011. 400 p.

GIL, Antonio Carlos. **Amostragem na pesquisa social** in Métodos e técnicas de pesquisa social. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999. Cap. 9, 98-106 p.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In:

Vários autores, **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOMBRICH, E. H. **Arte e ilusão**: um estudo da psicologia da representação pictórica. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 473 p.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 306 p.

\_\_\_\_\_, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320 p.

GONÇALVES, Teresinha Maria. **Cidade e poética**: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí: Unijuí, 2007.

GOUVEIA, Patrícia Figueira. **Cartografia e mapeamento dinâmico**. Lisboa: Tendências da Cultura da Rede em Portugal, 2012. Disponível em <[www.cecl.com.pt/redes/pdf/cartografia.pdf](http://www.cecl.com.pt/redes/pdf/cartografia.pdf)>, acessado em 13 de agosto de 2013.

GREIMAS, A. J. (Org.). **Ensaio de semiótica poética**: com estudos sobre Apollinaire, Bataille, Baudelaire, Hugo, Jarry, Mallarmé, Michaux, Nerval, Rimbaud, Roubaud. São Paulo: Cultrix - Editora da Usp - Universidade de São Paulo, 1975. 273 p.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 328 p.

GUIMARÃES, Nathália Arruda. **O direito à cidade culturalmente preservada**. Coimbra: tese de doutorado, Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, 2010.

HASLAM, Andrew. **O Livro e o Designer II**. São Paulo: Rosari, 2010.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. 162 p. (Estudos).

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 1994. 176 p.

JOSÉ CARLOS FERNANDES (Curitiba). **Uma cidade chamada cotidiano**: Olivier Mongin, antropólogo francês, editor da revista Esprit Crédito. Gazeta do Povo. Curitiba, 10 mar. 2013. s/p. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/uma-cidade-chamada-cotidiano-3bfvxu6m635tm7o5vqubem7n0>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. **Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia**. Cap. 4. P. 76-91 in PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

LEÃO, Lúcia (org.). **Derivas: Cartografias do Ciberespaço**. São Paulo: Annablume, SENAC, 2004.

LEIRIAS, Ana Gabriela. **Novas cartografias online: arte, espaço e tecnologia**. Curitiba: Bolsa FUNARTE de Reflexão Crítica e Produção Cultural para Internet, categoria Reflexão Crítica, FUNARTE – Fundação Nacional de Artes, Ministério da Cultura, 2011. 116 p.

\_\_\_\_\_, Ana Gabriela. **Novas cartografias online, arte contemporânea e outras geografias**. Geograficidade | v.2, Número especial, Primavera 2012.

LIDWEEL, Willian; HOLDEN, Kritina; BUTLER, Jill. **Principios universales de diseño**. Barcelona: Blume, 2008.

LISBOA, Severina Sarah. **A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares**. Viçosa: revista Ponto de Vista v. 4, 2008.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: 70, 2002. 193 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. In: *Fundamentos de metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. cap. 9, p.174-214.

MARCOS, Valeria de. **Do território como suporte ao território como patrimônio**. Genova: tese de doutorado, Universidade dos Estudos de Genova, 2004.

MARTINELLI, Marcello. **Mapas da geografia e cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARUYAMA, Natalia. **A contradição entre o homem e o cidadão: consciência política segundo J. J. Rousseau**. São Paulo: Humanitas - USP, 2001. 169 p.

MAYER, Joviano Gabriel Maia. **O comum no horizonte da metrópole biopolítica**. Dissertação de mestrado, Jupira Gomes de Mendonça (orient). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2005. 407 p.

MEDEIROS, Denise Ouriques. **Infográficos: o Visual da Informação – Parte 1**. São Paulo: Publish, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas: 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 79 p.

\_\_\_\_\_, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662 p.

MICELI, Paulo. **O tesouro dos mapas: a cartografia na formação do Brasil**. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2002. 340 p. (Exposição da Coleção Cartográfica do Instituto Cultural Banco Santos)

MINAYO, ORLANDI, Eni. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

NOVAES, Daniela. **DAY 90 Antonio Roberto de Oliveira**. Entrevista publicada no blog 100 Degrees of Brazil. Disponível em <<http://100degreesofbrazil.wordpress.com/2013/07/12/day-90-antonio-roberto-de-oliveira/>>, acessada em 04 de outubro de 2013.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Mackenzie, 2002. 262 p.

OLIVEIRA, Livia de. **Ainda sobre percepção, cognição e representação em geografia**. P. 189-196 in MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (Org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2004. 270 p. (Pesquisa).

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

PATRICIOS, Oresti. **City brands - it's not about the branding!** Artigo para o site Biz Community. Disponível em <<http://www.bizcommunity.com/Article/196/82/100479.html>>, acessado em 04 de outubro de 2013.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. 8. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2005. 66 p.

PIMENTA, Emanuel Dimas de Melo. **Teleantropos**. Lisboa: Estampa, 1999.

PINTO, Mónica Ângela Santos. **O desenho do lugar na composição do espaço**. Lisboa: dissertação de mestrado, Universidade Lusíada, 2008.

PIRES, Eloiza Gurgel. **Educação, narrativa e experiência urbana: o aprendizado da cidade**. Brasília: tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, UNB – Universidade de Brasília, 2012. 258 p.

RANCO, Maria Assunção Ribeiro. **Desenho ambiental: uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1997. 221 p.

RENA, Natacha (Org.). **Cartografias emergentes e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

SÁ-SILVA, J.R; ALMEIDA, C.D. e GUINDANI, J.F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I, julho de 2009. Acesso em agosto de 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.

SEEMANN, Jörn. **Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa**. OLAM - Ciênc. & Tec. Rio Claro Vol 3 no 1 p. 200-223 Setembro/2003.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Ruth Ester Poitevin G. Ferreira da. **A poesia como necessidade e seus lugares na contemporaneidade: a invasão do espaço público**. Brasília: dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Católica de Brasília, 2014. 143 p.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983. 251 p.

\_\_\_\_\_, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1974. 289 p.

WOODWARD, David; LEWIS, G.Malcolm (org) **The History of Cartography**. Volume 2 Book 3: Cartography in the Traditional African, American, Australian, and Pacific Societies. Chicago: University of Chicago Press, 1998. 687 p.

VET, Annelys de. **Subjective Atlas of ...:About Amsterdã**: 2011. Disponível em <subjectiveatlas.info>, acessado em 13 de agosto de 2013.

\_\_\_\_\_, Annelys de. **Subjective Atlas oftheEuropean Union**. Tallinn (Estônia): EestiEkspress, 2004. Disponível em <www.annelysdevet.nl>, acessado em 13 de agosto de 2013.

VIEIRA, Marcos Sardá. **Em busca do espaço livre e transitório**. In: VIEIRA, Marcos Sardá (Org.). O futuro da cidade: Florianópolis. Palhoça: Unisul, 2013. p. 63-81. 172 p.

ZANDONÁ, Jair. **Da poética do deslocamento à cartografia do sensível**: às voltas com Mário de Sá-Carneiro e Bernardo Soares. Florianópolis: tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Literatura, UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.